



ESPAÇO ARQUEOLOGIA



RELATÓRIO FINAL DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

PROGRAMA DE RESGATE ARQUEOLÓGICO, MONITORAMENTO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DO EMPREENDIMENTO IMOBILIÁRIO ALPHAVILLE PARANÁ RESIDENCIAL SUL E NORTE, MUNICÍPIO DE CAMPO LARGO - PR

PORTARIA Nº 015, DE 01 DE MARÇO DE 2021

VALDIR LUIZ SCHWENGBER

PROCESSO IPHAN Nº 01508.000926/2016-22

TUBARÃO, AGOSTO DE 2021



RELATÓRIO TÉCNICO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

SCHWENGBER, V. L.; MOTTA, A. DE M.; BARDINI, I. B.; CEREZER, J. F.; SANTOS, J.; OLIVEIRA, M.R.; LOPES, L. R.; KONRAD, R.; SCHWENGBER, L. M. K. **PROGRAMA DE RESGATE ARQUEOLÓGICO, MONITORAMENTO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DO EMPREENDIMENTO IMOBILIÁRIO ALPHAVILLE PARANÁ RESIDENCIAL SUL E NORTE, MUNICÍPIO DE CAMPO LARGO – PR.** RELATÓRIO FINAL DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. TUBARÃO-SC: ESPAÇO ARQUEOLOGIA. 2021.

EXECUÇÃO:



EM ATENDIMENTO:



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO





NOME DO RELATÓRIO: **RESGATE ARQUEOLÓGICO, MONITORAMENTO E EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL DO EMPREENDIMENTO IMOBILIÁRIO
ALPHAVILLE PARANÁ RESIDENCIAL SUL E NORTE**

EMPREENDIMENTO: Condomínio Residencial

MUNICÍPIO: Campo Largo

ESTADO: Paraná

ÓRGÃO LICENCIADOR: Instituto Água e Terra - IAT

EMPREENDEDOR: Timbutuva Empreendimentos Imobiliários LTDA

EXECUÇÃO DO PROJETO: Espaço Arqueologia
Rua Germano Siebert, 645
Tubarão/SC – Centro
Fone: (48) 3626-5572

APOIO INSTITUCIONAL: Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história – UEM

ARQUEÓLOGO
RESPONSÁVEL: **Valdir Luiz Schwengber**
Doutor em História – UNILEON

Alexandre de Medeiros Motta
Licenciado em História – UNISUL
Mestre em Ciências da Linguagem – UNISUL

Isabela Benedet Bardini
Arquiteta e Urbanista – UDESC
Pós-graduanda em Arqueologia – FUCAP

EQUIPE DE EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL: **Jedson Francisco Cerezer**
Licenciado em História – UNIJUI
Doutor em Quaternário, Materiais e Culturas – UTAD

Josiel dos Santos
Licenciado em História – UNESC
Mestre em Antropologia – UFPel

Miriam Raquel de Oliveira
Bacharela em Comunicação Social – Anhembi Morumbi
Especialista em Arqueologia – FUCAP

Lucas Rohr Lopes
Bacharel em Relações Internacionais – UNISUL
Pós-graduando em Arqueologia – FUCAP



ORGANIZAÇÃO E
MONTAGEM DO
RELATÓRIO:

Valdir Luiz Schwengber
Isabela Benedet Bardini
Alexandre de Medeiros Motta
Raquelli Konrad
Lucia Maria Konrad Schwengber



LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: DIVULGAÇÃO DO WEBINAR NO INSTAGRAM DA ESPAÇO ARQUEOLOGIA.	16
FIGURA 2: DIVULGAÇÃO DO WEBINAR NO FACEBOOK DA ESPAÇO ARQUEOLOGIA.	16
FIGURA 3: DIVULGAÇÃO DO WEBINAR NO INSTAGRAM DA FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA.	17
FIGURA 4: DIVULGAÇÃO DO WEBINAR NO FACEBOOK DO CENTRO CULTURAL DE CAMPO LARGO.	17
FIGURA 5: RETORNO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE CAMPO LARGO SOBRE DIVULGAÇÃO DO WEBINAR.	18
FIGURA 6: RETORNO DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMPO LARGO SOBRE DIVULGAÇÃO DO WEBINAR.	18
FIGURA 7: INÍCIO DO WEBINAR.	20
FIGURA 8: APRESENTAÇÃO SOBRE SÍTIO ARQUEOLÓGICO E PATRIMÔNIO CULTURAL. ..	21
FIGURA 9: APRESENTAÇÃO SOBRE A ARQUEOLOGIA REGIONAL NO PLANALTO DE CURITIBA.	22
FIGURA 10: APRESENTAÇÃO SOBRE A MINERAÇÃO NO PARANÁ ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVII.	23
FIGURA 11: APRESENTAÇÃO SOBRE CAMPO LARGO NO CONTEXTO MINERADOR DO PARANÁ.	24
FIGURA 12: APRESENTAÇÃO SOBRE A MINA TIMBUTUVA.	24
FIGURA 13: APRESENTAÇÃO SOBRE O TIPO DE OURO EXPLORADO NA MINA TIMBUTUVA.	25
FIGURA 14: APRESENTAÇÃO PANORÂMICA DO LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO REALIZADO NA ESTRUTURA DO SÍTIO HISTÓRICO.	26
FIGURA 15: APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DO ESTUDO.	26
FIGURA 16: APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DO ESTUDO.	27
FIGURA 17: APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DO ESTUDO.	27
FIGURA 18: APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DO ESTUDO.	28
FIGURA 19: ANÁLISE ICONOGRÁFICA DO CONJUNTO PREDIAL DA MINA.	28
FIGURA 20: ANÁLISE ICONOGRÁFICA DO CONJUNTO PREDIAL DA MINA.	29
FIGURA 21: ANÁLISE ICONOGRÁFICA DO CONJUNTO PREDIAL DA MINA.	29
FIGURA 22: APRESENTAÇÃO SOBRE OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS ENCONTRADOS.	30
FIGURA 23: APRESENTAÇÃO SOBRE OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS ENCONTRADOS.	31
FIGURA 24: ENTREGA DO MATERIAL INFORMATIVO SOBRE O SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 8 À REPRESENTANTE DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE CAMPO LARGO.	36



FIGURA 25: ENVIO DOS GUIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS À REPRESENTANTE DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE CAMPO LARGO.	36
FIGURA 26: ENVIO DOS MATERIAIS INFORMATIVOS SOBRE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO À REPRESENTANTE DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE CAMPO LARGO.	37
FIGURA 27: ENTREGA DO MATERIAL INFORMATIVO SOBRE O SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 8 À REPRESENTANTE DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMPO LARGO.	37
FIGURA 28: ENTREGA DO MATERIAL INFORMATIVO SOBRE O SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA A REPRESENTANTE DO MUSEU PARANAENSE.	38
FIGURA 29: QUANTIDADE DE PESSOAS NO INÍCIO DO WEBINAR.	39
FIGURA 30: QUANTIDADE DE PESSOAS AO LONGO DO WEBINAR.	39
FIGURA 31: QUANTIDADE DE PESSOAS AO LONGO DO WEBINAR.	40
FIGURA 32: RESPOSTAS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO EVENTO PARA A VIDA DIÁRIA E/OU PROFISSIONAL.	42
FIGURA 33: FEEDBACK ADICIONAL SOBRE A LOGÍSTICA DO EVENTO.	42
FIGURA 34: FEEDBACK ADICIONAL SOBRE O EVENTO NO GERAL.	43
FIGURA 35: INTERAÇÕES REALIZADAS NA APRESENTAÇÃO.	44
FIGURA 36: INTERAÇÕES REALIZADAS NA APRESENTAÇÃO.	44
FIGURA 37: INTERAÇÕES REALIZADAS NA APRESENTAÇÃO.	45
FIGURA 38: INTERAÇÕES REALIZADAS NA APRESENTAÇÃO.	45



LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: EQUIPE ENVOLVIDA NA ORGANIZAÇÃO E CONDUÇÃO DO WEBINAR.....	19
QUADRO 2: MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS DISPONIBILIZADOS.....	32
QUADRO 3: CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS OFICINAS TEMÁTICAS DO GUIA DE APLICAÇÃO 1.....	32
QUADRO 4: MATERIAIS IMPRESSO E AUDIOVISUAL SOBRE O TRABALHO REALIZADO NO SÍTIO.....	34



LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: PROFISSÕES DO PÚBLICO PARTICIPANTE.	40
GRÁFICO 2: SATISFAÇÃO GERAL COM O EVENTO.	41
GRÁFICO 3: RELEVÂNCIA PARA A VIDA PROFISSIONAL.	41
GRÁFICO 4: SATISFAÇÃO COM A LOGÍSTICA DO EVENTO.	42
GRÁFICO 5: RELEVÂNCIA DOS TEMAS ABORDADOS NO EVENTO.	43



SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E FERRAMENTAS DIGITAIS	11
3	AÇÕES DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL REALIZADAS	15
	3.1 WEBINAR: ORGANIZAÇÃO, DIVULGAÇÃO E EXECUÇÃO	15
	3.2 MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS.....	31
	3.3 AVALIAÇÃO	38
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	49
	APÊNDICES.....	50
	APÊNDICE 1 – MATERIAL INFORMATIVO SOBRE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO	51
	APÊNDICE 2 – TERMOS DE RECEBIMENTO DO MATERIAL INFORMATIVO.....	65
	APÊNDICE 3 – MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS	69
	APÊNDICE 4 – SLIDES UTILIZADOS NA APRESENTAÇÃO DO WEBINAR.....	102
	APÊNDICE 5 – MODELO DE CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NO WEBINAR	115
	APÊNDICE 6 – DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO DA EQUIPE TÉCNICA	117
	ANEXO	124
	ANEXO 1 – CURRÍCULO LATTES DOS PESQUISADORES ENVOLVIDOS.....	125



1 INTRODUÇÃO

Neste relatório, serão apresentadas as ações de Educação Patrimonial realizadas no âmbito do Programa de Resgate Arqueológico, Monitoramento e Educação Patrimonial do Empreendimento Imobiliário Alphaville Paraná Residencial Sul e Norte, município de Campo Largo, PR (SEI! N° 01508.000926/2016-22).

O programa de Educação Patrimonial seria, inicialmente, destinado aos professores e educandos de escolas do município de Campo Largo/PR. No entanto, tendo em vista a indefinição do cenário pandêmico, considerou-se pertinente que as ações originalmente previstas passassem por ajustes, a fim de atenuar os impactos provocados pela pandemia e, ao mesmo tempo, desenvolver ferramentas que respondessem aos desafios colocados pelo momento.

Conforme proposto no Ofício nº 031/2021-E.A (SEI! 2554878) e aprovado pelo Parecer Técnico nº 102/2021/DIVTEC IPHAN-PR/IPHAN-PR (SEI! 2576128), foi desenvolvido um webinar com chamariz disposto no convite **“Arquitetura e História na antiga Mina de Ouro Timbutuva (Grande Curitiba/PR)”**, sendo abordadas correlações com os temas Arqueologia e Patrimônio Cultural. Além disso, foram enviados materiais didático-pedagógicos sobre arqueologia e educação patrimonial à Secretaria Municipal de Educação de Campo Largo, material audiovisual sobre o sítio histórico da Mina de Ouro e material informativo, sobre o mesmo sítio, em formato de livreto – estes, por sua vez, também foram disponibilizados ao Museu Histórico de Campo Largo e ao Museu Paranaense, localizado em Curitiba, como forma de abranger o alcance da ação.

Este relatório apresenta, dessa forma, as discussões, perspectivas e desafios inerentes à Educação Patrimonial que orientaram a execução das ações, fazendo uma articulação, ainda, com as possibilidades apresentadas pelas ferramentas digitais. As ações que serão descritas estiveram pautadas na concepção de Educação Patrimonial como processo de construção coletiva e dialógica, buscando criar condições em que o patrimônio cultural pudesse ser evidenciado e que suas potencialidades pudessem ser ressaltadas, estimulando seu reconhecimento, valorização e preservação, em consonância com o que define a Portaria IPHAN nº 137, de 28 de abril de 2016.



2 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E FERRAMENTAS DIGITAIS

Aqui será apresentada a perspectiva de Educação Patrimonial que pautou as ações executadas, tratando-se, ainda, das possibilidades colocadas pelas ferramentas digitais para sua efetivação e democratização.

Calcado numa perspectiva cidadã e participativa, em 2014 o IPHAN, por meio da Coordenação de Educação Patrimonial – CEDUC, apresentou a seguinte definição de Educação Patrimonial:

Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural (IPHAN, 2014, p. 19).

A Educação Patrimonial, portanto, busca estabelecer diálogo com o público, estimando a valorização da diversidade cultural, como possibilidade de visibilizarem-se diferentes narrativas de processos históricos e culturais e ampliando possibilidades de participação de culturas socialmente marginalizadas.

A Portaria IPHAN nº 137, de 28 de abril de 2016, que estabelece as diretrizes da Educação Patrimonial no âmbito do IPHAN e das Casas do Patrimônio, assim dispõe em seu Artigo 2º:

Entende-se por Educação Patrimonial os processos educativos formais e não formais, construídos de forma coletiva e dialógica, que têm como foco o patrimônio cultural socialmente apropriado como recurso para a compreensão sociohistórica das referências culturais, a fim de colaborar para seu reconhecimento, valorização e preservação.

No Parágrafo Único do citado artigo há o reforço, ainda, da perspectiva dialógica, quando ressalta que “os processos educativos deverão primar pelo diálogo permanente entre os agentes sociais e a participação efetiva das comunidades”.



Tais concepções são fortalecidas, ainda, pela Portaria IPHAN nº 375, de 19 de setembro de 2018, que “Institui a Política de Patrimônio Cultural Material do Iphan e dá outras providências.” Nela, reforça-se a Educação Patrimonial como instrumento de promoção da preservação patrimonial. Define-se, no §1º do Artigo 6º que “A Educação Patrimonial, em função de seu caráter transversal, deve contribuir para a construção participativa dos demais processos de preservação do patrimônio cultural material”.

Consolida-se, assim, uma perspectiva colaborativa, democrática, austera e empática, tanto de Patrimônio Cultural quanto de Educação Patrimonial, provocando uma atuação dialógica com o público, buscando também a sustentabilidade das ações. Objetiva-se, portanto, construir em conjunto com a comunidade, a partir de suas referências culturais e necessidades contextuais, para tornar as medidas sustentáveis a longo prazo. Florêncio (2019, p. 59) explica que:

A partir do princípio de que a efetividade de uma política pública se relaciona, diretamente, à capacidade de a sociedade participar, decidir e avaliar ações e serviços prestados por ela, constitui-se estratégia essencial e prioritária nesse campo de atuação fomentar e reconhecer a educação patrimonial como um processo permanente para obtenção dessa abordagem dialógica e de construção coletiva das políticas de identificação, proteção, apropriação e valorização do patrimônio cultural.

Quando se fala na transversalidade da Educação Patrimonial, trata-se de inseri-la nas diferentes instâncias de atuação social, desde os indivíduos em sua cotidianidade, nas escolas, representantes sociais, até os gestores públicos. De modo a construir uma apropriação e valorização cultural real a partir da realidade daqueles que as vivem, das comunidades.

Entende-se que a participação ativa das comunidades só é possível se compreendermos os atores sociais como agentes protagonistas; tomando os diferentes atores sociais como “público-participante”, operador ativo de sua agência. Dessa forma, promove-se movimentação social em torno do patrimônio, “para a valorização da diversidade cultural, para o fortalecimento da identidade local e para a afirmação dos sujeitos em seus diferentes modos de ser e estar no mundo” (FLORÊNCIO, 2019, p. 62).

Os modos como se dão os processos de preservação também perpassam esse diálogo de valorização dialógica junto à comunidade. Mesmo porque, os espaços sociais



são diversos e repletos de relações, por vezes conflituosas. Sabe-se que a própria temática gera opiniões dissonantes. Levar em consideração essas assimetrias, e incluir as diversas instâncias envolvidas com a temática é uma estratégia oportuna, tanto para engajar a comunidade como para, em conjunto, encaminhar ações de resolução de conflitos e proposição de valorização locais.

Educação é sempre um tema instigante e em constante processo de repensar-se. Afinal, aprender e ensinar são processos concomitantes e de comunicação ativa, pautadas nas vivências e experiências de cada um – e, assim como os processos comunicativos, não é nada simples. O ato de comunicar é repleto de barreiras, afinal as mensagens não são necessariamente enviadas como as pensamos inicialmente, e menos ainda recebidas como planejamos. Tal imprecisão, próprias dos atos comunicativos, reverbera, também, na educação. Por isso, desenvolver ferramentas para transpor tais barreiras é fundamental no processo educativo, para que se possa obter engajamento e trocas e construir conhecimentos.

Nesse contexto, inserem-se as ferramentas digitais cada vez mais difundidas nos últimos anos. A utilização da mediação digital, embora não seja nova na educação, ganhou nova envergadura durante o período da pandemia de Covid-19. Isso porque um dos maiores desafios para utilização dos recursos on-line é, por um lado, a falta de equipamentos e, por outro, a resistência ao uso desses instrumentos por parte de grande parte da população e mesmo dos educadores. Com a experiência da pandemia, verificou-se que a falta de equipamentos é um limitador de acesso, mas, por outro lado, promoveu-se a percepção de que a complexidade dos equipamentos não precisa ser alta. A utilização de celulares é bastante funcional e mais acessível. Além disso, a resistência da população em utilizar mecanismos de reuniões on-line também foi, de certa maneira, quebrada, pois em várias instâncias da vida esse foi o único mecanismo de atuação. Tal fato incentivou, mesmo que forçosamente, a quebra dessas barreiras para muitos.

Nesse processo de readaptação, a equipe de Educação Patrimonial também se colocou a pensar sobre o desafio de conectar as diretrizes estabelecidas para a Educação Patrimonial com a nova realidade digital. Adotou-se a perspectiva da interação on-line como parte do processo mesmo de comunicação, portanto, complexo. A interação, em



qualquer meio, conforme Dotta e Giordan (2014), não se dá em mão única, a interação demanda pelo menos duas partes que se comunicam entre si, havendo a possibilidade de efetivação de estímulo e resposta. Ou, “uma troca de comunicação só é interativa se cada uma das partes, emissor e receptor, pode responder à outra pela mesma forma. Isso significa que o emissor é um potencial receptor e o receptor, um potencial emissor” (DOTTA; GIORDAN, 2014, p. 78).

A partir disso, a escolha das abordagens, da linguagem a ser utilizada, dos formatos de comunicação e conteúdo e das ferramentas a serem utilizadas, foram minuciosamente pensados. Um dos desafios do formato on-line é estimular a participação ativa dos interlocutores, a partir de atividades “como produzir e responder a enunciados, conversar sobre o que é conhecido e o que é dito” (DOTTA; GIORDAN, 2014, p. 80), para haver uma apropriação partilhada do tema discutido.

A utilização do modelo webinar foi profícuo, pois proporciona ferramentas de comunicação multidirecionais, por voz, texto e vídeo, favorecendo múltiplas formas de comunicação. A eficiência da ação está ligada à capacidade desses sistemas de adaptar-se ao perfil de cada interlocutor, oportunizando interações ricas e diversas – há aqueles que se manifestam por meio de vídeo e áudio e os que preferem se expressar apenas por mensagens escritas. Além disso, essas ferramentas permitem o compartilhamento de arquivos, sites, aplicativos e mesmo a tela do computador. Nesse contexto, o desafio dos mediadores é o de estimular a participação e organizar o ambiente educacional digital de modo a promovê-la (DOTTA; GIORDAN, 2014).

Seguiu-se a perspectiva de que o educador não é o detentor do saber, mas o mediador na construção de conhecimentos. Tal construção exige flexibilidade, tanto na forma de expor o conteúdo, como para argumentar e mediar os debates. Conforme Silva e Dotta (2018), a discussão é parte do processo de construção do conhecimento, pois cada interlocutor traz saberes e experiências prévias e que, por vezes, podem reverberar conflitantes. A construção compartilhada do conhecimento exige uma disposição flexível para ouvir e para se expressar, o que coaduna com a perspectiva dialógica de co-construção do conhecimento.

3 AÇÕES DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL REALIZADAS

Tendo em vista as considerações acima expostas, realizaram-se ações de Educação Patrimonial sobre as pesquisas realizadas no âmbito da implantação do Empreendimento Imobiliário Alphaville Paraná, relacionando-as ao contexto arqueológico e histórico regional.

Uma delas envolveu o público em geral na forma de um webinar (*web-based seminar*). Por webinar, entende-se um seminário on-line, com o propósito de promover a ação de forma abrangente, não ficando restrita apenas à parcela escolar da comunidade. Por meio dele, podem-se reunir pessoas de diferentes lugares que tenham acesso à internet, com interesse comum em determinado assunto, para discuti-lo em tempo simultâneo. Além disso, é possível que o encontro seja gravado e disponibilizado posteriormente, possibilitando a propagação do conhecimento de forma assíncrona.

Além do webinar com a comunidade em geral, o público escolar do município de Campo Largo também foi contemplado. Materiais informativo e audiovisual sobre o sítio Fazenda Timbutuva 8, além de guias didático-pedagógicos, elaborados pela equipe da Espaço Arqueologia, foram enviados à Secretaria Municipal de Educação, para serem aplicados pelos professores em sala de aula com os estudantes, em momento oportuno.

Assim, nas páginas seguintes, serão detalhadas as ações realizadas com a comunidade em geral e as que visaram alcançar o público escolar.

3.1 WEBINAR: ORGANIZAÇÃO, DIVULGAÇÃO E EXECUÇÃO

A realização de um webinar propicia ampliar o alcance de pessoas, tendo em vista que, por meio da divulgação nas redes sociais, é possível contatar diferentes nichos sociais, como agentes públicos, professores e demais interessados nos assuntos relacionados à arqueologia e ao patrimônio. Nesse caso, o webinar foi divulgado amplamente nas redes sociais da Espaço Arqueologia, bem como junto aos setores de

cultura e comunicação das prefeituras municipais de Campo Largo e Curitiba¹, secretaria de educação de Campo Largo, além de museus das duas cidades (Figuras 1 a 6), que também atuaram como propagadoras do convite do evento on-line, contribuindo para o alcance de público.



FIGURA 1: DIVULGAÇÃO DO WEBINAR NO INSTAGRAM DA ESPAÇO ARQUEOLOGIA.



FIGURA 2: DIVULGAÇÃO DO WEBINAR NO FACEBOOK DA ESPAÇO ARQUEOLOGIA.

¹ Pelo fato de Curitiba ser a capital do estado paranaense e conter várias instituições de ensino superior, considerou-se estratégico estender o convite para as instituições municipais dessa cidade.



FIGURA 3: DIVULGAÇÃO DO WEBINAR NO INSTAGRAM DA FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA.



FIGURA 4: DIVULGAÇÃO DO WEBINAR NO FACEBOOK DO CENTRO CULTURAL DE CAMPO LARGO.



FIGURA 5: RETORNO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE CAMPO LARGO SOBRE DIVULGAÇÃO DO WEBINAR.

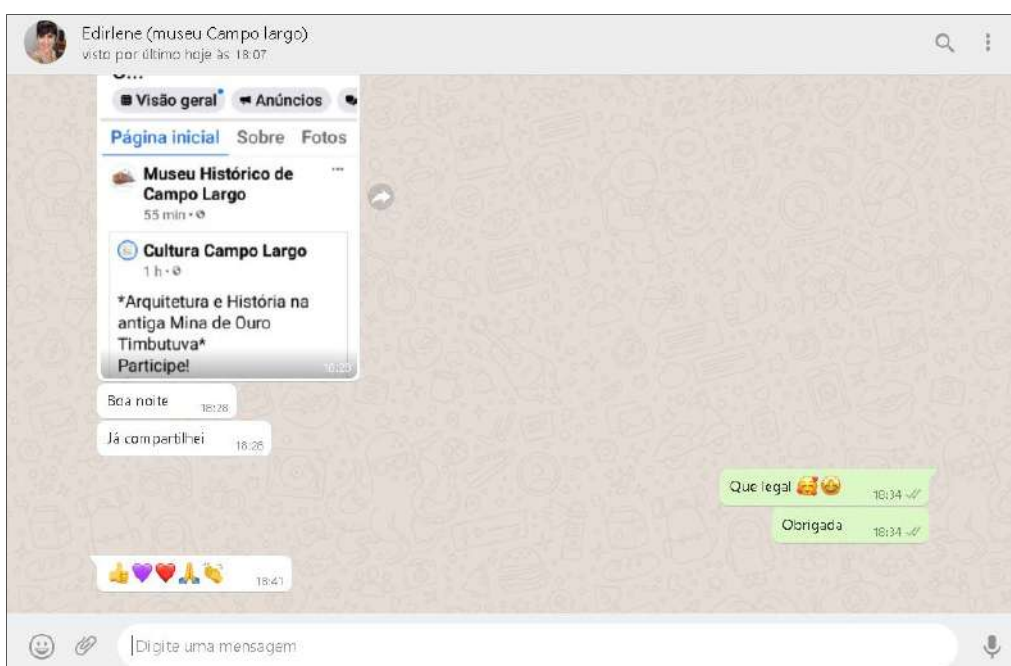


FIGURA 6: RETORNO DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMPO LARGO SOBRE DIVULGAÇÃO DO WEBINAR.

A plataforma escolhida para realização do webinar foi o Google Meet, pois permite uma interação multimodal, com compartilhamento de áudio, vídeo e imagem, bem como a interação multimídia, que compartilha “de” e “para” todos os usuários a partir da transmissão de várias mídias – como arquivos digitais, aplicativos, telas do computador, URLs (links) entre outros.



O encontro foi realizado no dia 02 de junho de 2021, às 19 horas, com duração de 54 minutos. A equipe envolvida em sua organização e condução está descrita no Quadro 1, que se apresenta a seguir.

QUADRO 1: EQUIPE ENVOLVIDA NA ORGANIZAÇÃO E CONDUÇÃO DO WEBINAR.

Equipe	Formação	Função
Valdir Luiz Schwengber	Doutor em História	Coordenação geral
Alexandre de Medeiros Motta	Licenciado em História Mestre em Ciências da Linguagem	Coordenação pedagógica e Apresentação
Isabela Benedet Bardini	Graduada em Arquitetura e Urbanismo Pós-Graduanda em Arqueologia e Patrimônio Cultural	Organização, Apresentação e Divulgação
Jedson Francisco Cerezer	Licenciado em História Doutor em Quaternário, Materiais e Culturas	Organização e Apresentação
Josiel dos Santos	Licenciado em História Mestre em Antropologia	Transmissão e apoio técnico
Lucas Rohr Lopes	Graduado em Relações Internacionais Pós-Graduando em Arqueologia e Patrimônio Cultural	Transmissão e apoio técnico
Miriam Raquel Oliveira	Graduada em Comunicação Social Pós-graduada em Arqueologia	Divulgação

O webinar foi iniciado com a sua contextualização, realizada pelo arqueólogo Jedson Francisco Cerezer, informando que se tratava de um evento vinculado ao Programa de Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial na área de implantação do Empreendimento Imobiliário Alphaville Paraná Residencial Sul e Norte, Município de Campo Largo, estado do Paraná, no âmbito do licenciamento ambiental para o referido

empreendimento. Portanto, o webinar é parte integrante das ações de socialização dos conhecimentos gerados nas etapas de resgate arqueológico e levantamento fotográfico e cadastral das edificações presentes no sítio arqueológico histórico Fazenda Timbutuva 8, onde se encontra a Mina Timbutuva (Figura 7).

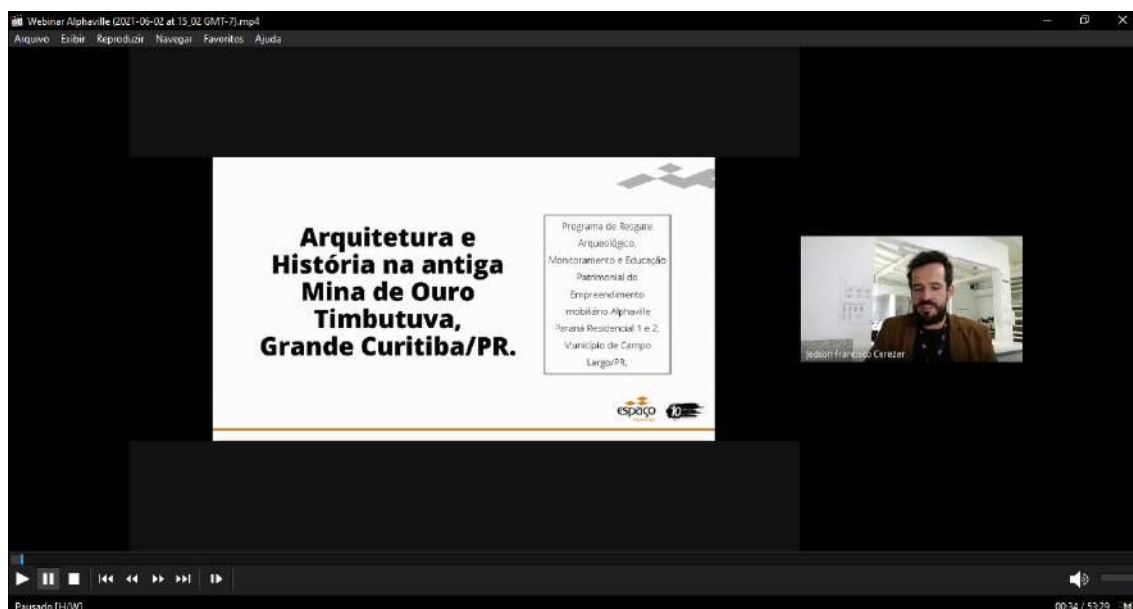


FIGURA 7: INÍCIO DO WEBINAR.

Em seguida, o arqueólogo apresentou os temas que seriam abordados no encontro, quais sejam: Introdução sobre a Arqueologia Regional; Histórico da mineração no Paraná; e A Mina de ouro Timbutuva e os estudos realizados. Nesse momento, no chat, foi disponibilizado pela equipe um formulário on-line para que os participantes o preenchessem. Seu objetivo, além da elaboração dos certificados de participação, foi captar as características do público participante. Para a emissão dos certificados, no formulário de participação foi solicitado o nome e sobrenome, profissão, número do CPF, localidade e contatos (e-mail ou telefone). Além disso, foi perguntado quantas pessoas estavam assistindo pessoalmente junto ao participante, para que fosse possível a contagem real de pessoas que assistiram ao evento.

No mesmo momento, o arqueólogo deixou explícito que a participação dos interlocutores poderia se dar via chat e/ou falas (vídeo e áudio) ao longo do encontro. Em seguida, como tema inicial, começou apresentando o conceito de sítio arqueológico, a legislação de proteção ao patrimônio arqueológico, os motivos que levam à pesquisa do

sítio e a noção de sítio histórico como patrimônio cultural – temas que têm importâncias intrínsecas à geração de conhecimento científico e cultural sobre povos que viveram em determinadas épocas e locais (Figura 8).



FIGURA 8: APRESENTAÇÃO SOBRE SÍTIO ARQUEOLÓGICO E PATRIMÔNIO CULTURAL.

Depois o arqueólogo fez uma abordagem sobre a Arqueologia Regional no Planalto de Curitiba, no sentido de remontar à época pré-colonial, por volta de 11.000 anos atrás, quando os povos caçadores-coletores ocuparam o território destacado. Para isso, apresentou aspectos ligados à cultura material desses grupos humanos, destacando as principais características dos artefatos produzidos e utilizados por eles, além da passagem de uma economia de coleta e caça para de agricultura ou horticultura – representando a relação entre a Tradição Umbu-Humaitá e a ceramista, da Tradição Taquara-Itararé e Tupiguarani, por meio de uma cronologia relativa, que nos remete há aproximadamente 4.000 ou 2.000 anos A.P. até o contato com os colonizadores europeus, entre os séculos XVI ao XIX. Tais povos podem ter convivido por certo período em um mesmo território. O arqueólogo salientou também que tais povos desenvolveram uma arte rupestre pintada, distinta da arte rupestre gravada encontrada nas regiões de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, sendo assim uma particularidade cultural presente na região planaltina de Curitiba (Figura 09).

Quanto ao estudo arqueológico da ocupação humana pré-colonial na área do empreendimento, ainda há muito o que se fazer, estando condicionado à elaboração de outros projetos na região.



FIGURA 9: APRESENTAÇÃO SOBRE A ARQUEOLOGIA REGIONAL NO PLANALTO DE CURITIBA.

Após essa explanação sobre a Arqueologia Regional do Planalto de Curitiba, o professor e historiador Alexandre de Medeiros Motta tomou a palavra para fazer uma abordagem histórica sobre a mineração no Paraná entre os séculos XVI ao XXI. Começou abordando sobre o ciclo do ouro de aluvião, em especial na região de Paranaguá, no litoral paranaense, que se deu entre os séculos XVI e XVII. Depois perpassou a fase do ciclo dos tropeiros, quando o negócio com o gado ganhou força econômica em função do esgotamento das jazidas de ouro na região, que remonta aos séculos XVIII e XIX. Neste período, outras atividades econômicas também se fizeram presentes, como a produção do mate e do café, além da extração e corte de madeira. Todas essas atividades contribuíram para o povoamento dos campos de Curitiba (Figura 10).



FIGURA 10: APRESENTAÇÃO SOBRE A MINERAÇÃO NO PARANÁ ENTRE OS SÉCULOS XVI E XVII.

Em seguida, o historiador abordou a expansão da mineração para outros setores além do ouro, destacando que essa atividade em conjunto com a agricultura (erva-mate e café) e pecuária (tropeirismo) foram importantes na formação dos centros urbanos nos campos de Curitiba.

Depois, o foco da apresentação passou para a região de Campo Largo, quando, entre os séculos XVII e XVIII, havia se tornado um local de passagem para os garimpeiros e tropeiros da época. O historiador abordou aspectos históricos ligados à gênese de Campo Largo, estendendo-se para os séculos XIX a XXI, quando destacou a colonização europeia na região (italianos, poloneses, alemães e portugueses) e a influência da mineração do ouro e de outros setores na formação econômica do município (Figura 11).



FIGURA 11: APRESENTAÇÃO SOBRE CAMPO LARGO NO CONTEXTO MINERADOR DO PARANÁ.

Na sequência, foi explanado pelo historiador sobre a Mina de Timbutuva que, nas décadas de 1930 e 1940, havia sido implantada na localidade de Timbutuva, em Campo Largo. Nesse período, iniciou-se uma nova fase na mineração do Paraná, a produção em larga escala do ouro, de dimensão industrial. Para isso, foi organizado um enorme complexo industrial, que requisitou aparato tecnológico importado da Alemanha e grande quantidade de mão-de-obra braçal (Figura 12).



FIGURA 12: APRESENTAÇÃO SOBRE A MINA TIMBUTUVA.

Dando continuidade à apresentação, o historiador abordou também que o ouro explorado em larga escala na Mina Timbutuva era obtido em veios de quartzo com pirita, diferentemente do ouro de aluvião explorado nos séculos anteriores. Assim, as britadeiras da mina trituravam 1 (uma) tonelada de rocha para obter-se em média 4 a 5 gramas de ouro (Figura 13). Além disso, destacou-se outros aspectos que envolveram a realização de atividades na Mina Timbutuva, como a contribuição dos descendentes de italianos e alemães como mão-de-obra braçal na mineração e, também, a exploração em larga escala do ouro, que culminava na quantia de aproximadamente 80 kg mensais, bem como a localização hoje da Mina na área da Fazenda Timbutuva, onde se desenvolverá o Empreendimento Imobiliário Alphaville Paraná Residencial Sul e Norte.

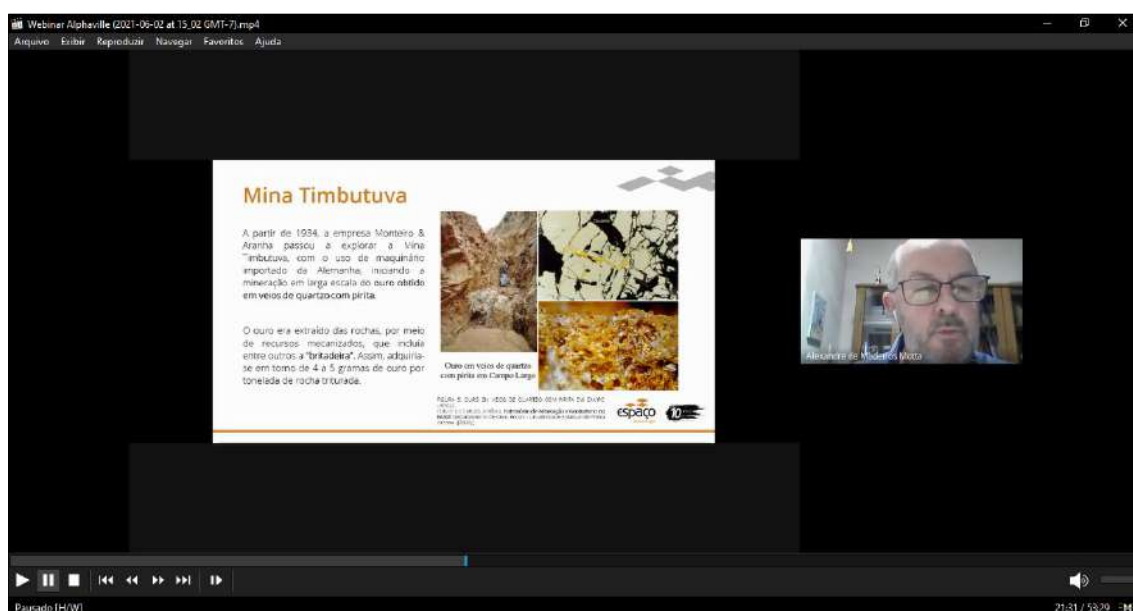


FIGURA 13: APRESENTAÇÃO SOBRE O TIPO DE OURO EXPLORADO NA MINA TIMBUTUVA.

Após a apresentação do historiador, a arquiteta Isabela Benedet Bardini deu início à abordagem sobre o levantamento arquitetônico do conjunto de edificações remanescentes da antiga mina de ouro Timbutuva (Sítio Histórico Fazenda Timbutuva 8), a fim de contextualizar o estudo. Para isso, a arquiteta identificou cada estrutura que forma o conjunto das edificações da mina, e explicitou em detalhes as etapas correspondentes à metodologia de estudo (desenhos bidimensionais, medições, fotos e entrevistas com moradores locais) que fazem parte desse processo, incluindo-se aí o levantamento dos materiais utilizados na construção e o diagnóstico das patologias e

outros danos nas estruturas. Assim, o barracão, a área dos britadores, o laboratório, o depósito de pólvora e as galerias foram contempladas no estudo (Figuras 14 a 18).

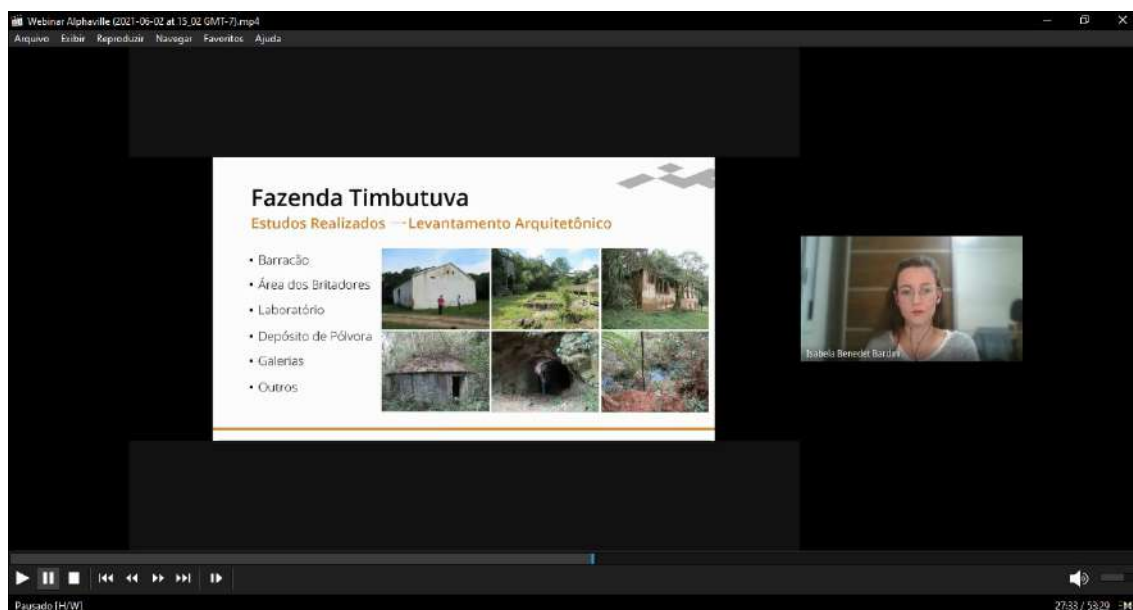


FIGURA 14: APRESENTAÇÃO PANORÂMICA DO LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO REALIZADO NA ESTRUTURA DO SÍTIO HISTÓRICO.

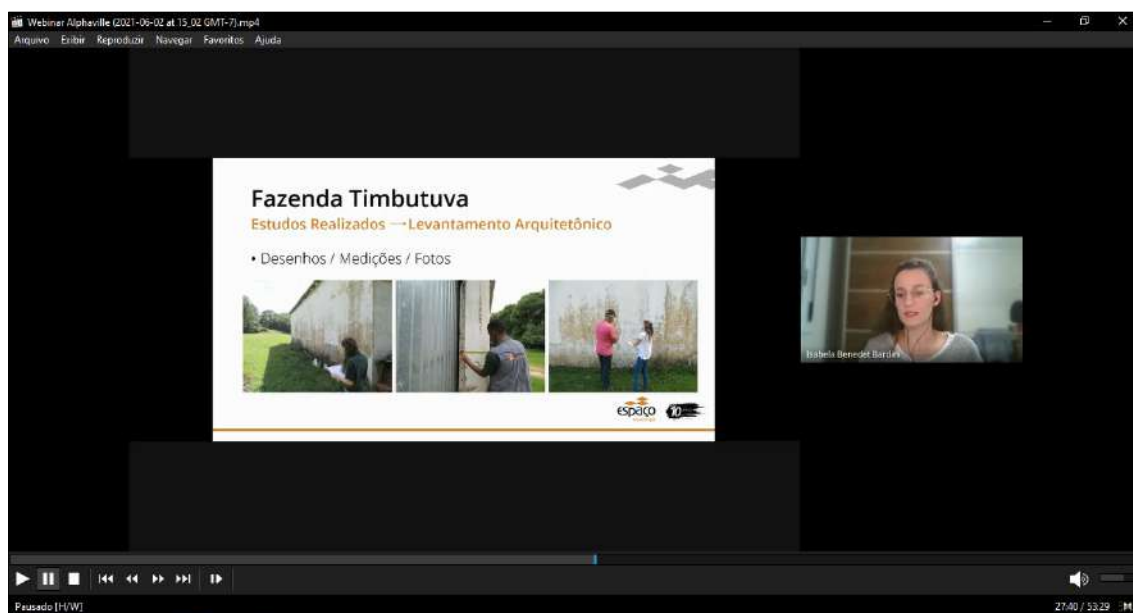


FIGURA 15: APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DO ESTUDO.

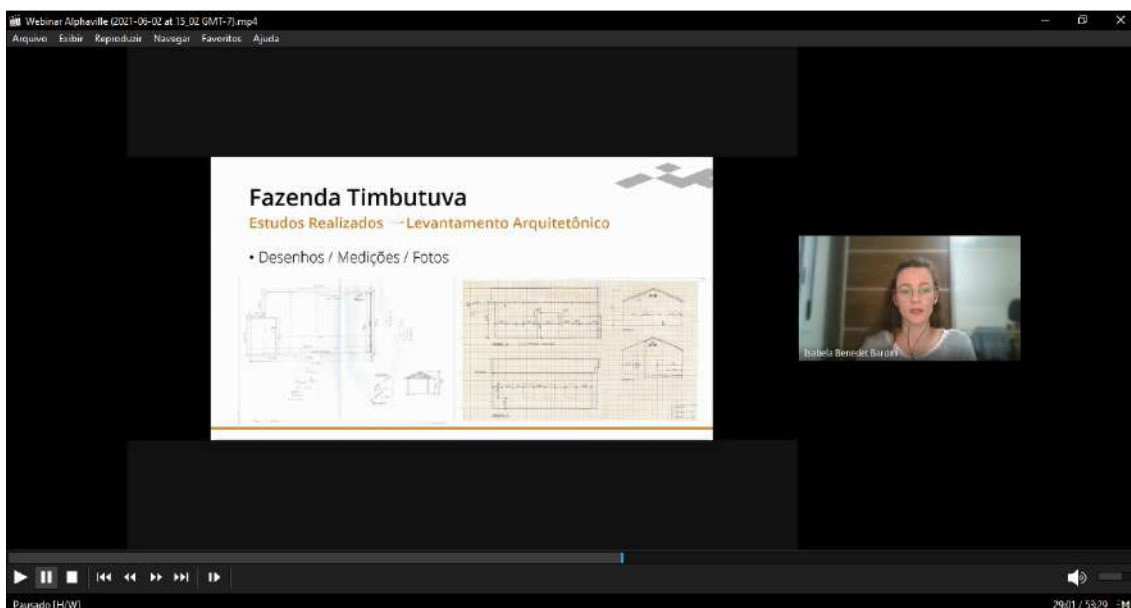


FIGURA 16: APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DO ESTUDO.



FIGURA 17: APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DO ESTUDO.



FIGURA 18: APRESENTAÇÃO DAS ETAPAS DO ESTUDO.

Depois, a arquiteta fez uma explanação sobre a análise iconográfica, com base no exame dos elementos que compõe as fotos de época e sua relação com as estruturas remanescentes da mina de ouro, para posterior identificação de suas funções (Figuras 19 a 21).

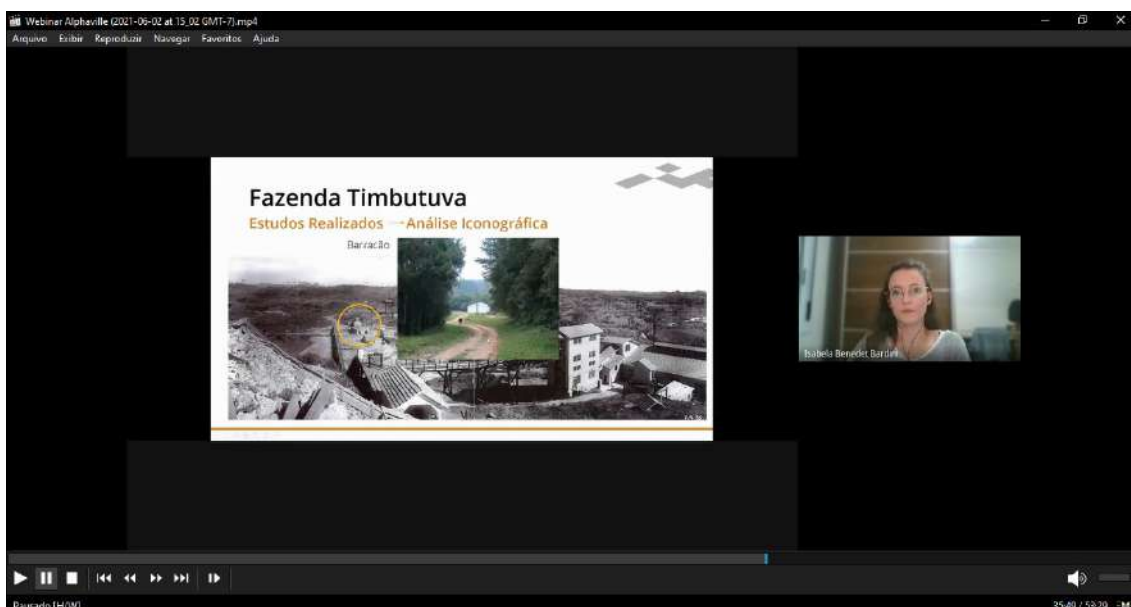


FIGURA 19: ANÁLISE ICONOGRÁFICA DO CONJUNTO PREDIAL DA MINA.

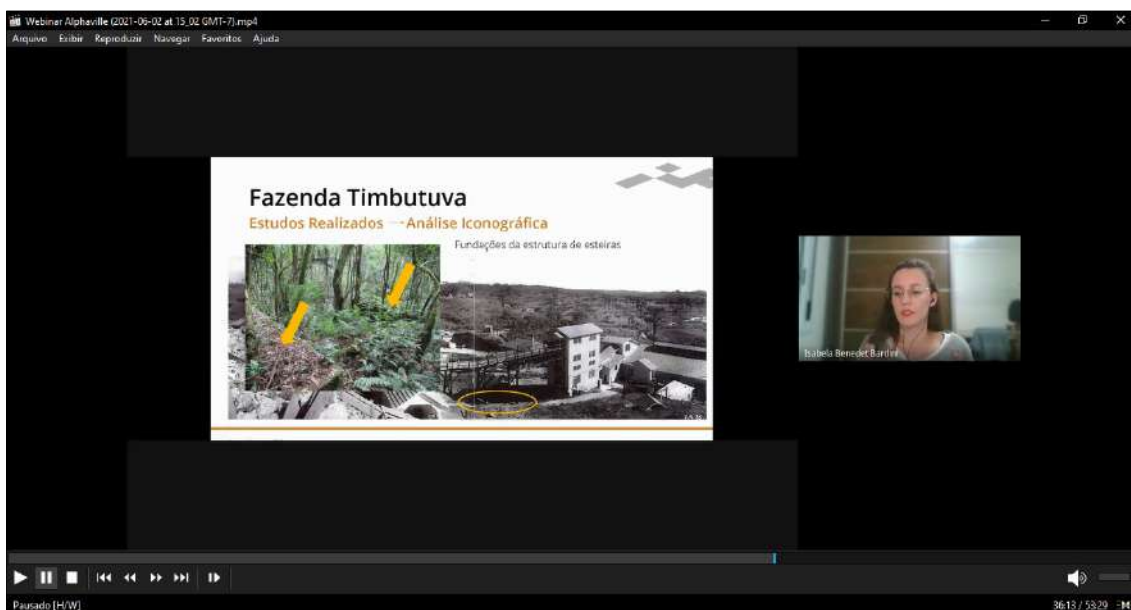


FIGURA 20: ANÁLISE ICONOGRÁFICA DO CONJUNTO PREDIAL DA MINA.

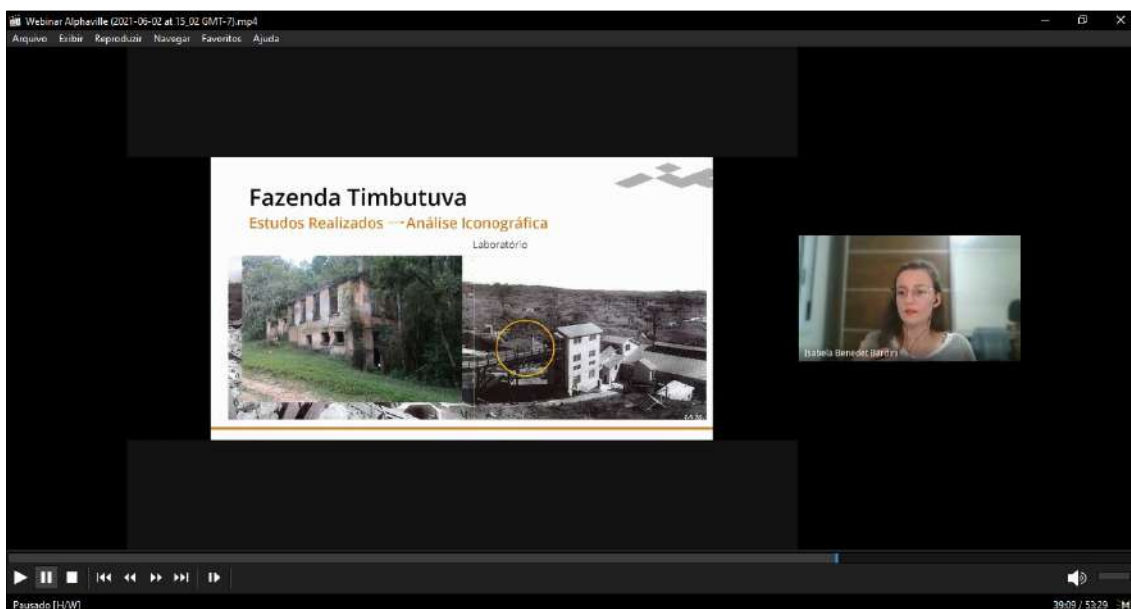


FIGURA 21: ANÁLISE ICONOGRÁFICA DO CONJUNTO PREDIAL DA MINA.

A arquiteta apresentou também a sequência de atividades que faziam parte do complexo industrial da mineração, especificando as suas estruturas, e expondo, resumidamente, as seguintes etapas:

- a) as rochas eram trazidas das galerias por meio das vagonetas;
- b) as rochas iam sobre as vagonetas, pelas esteiras, até o prédio onde eram depositadas;

c) as rochas eram conduzidas aos britadores e área com demais estruturas de trituração e separação do ouro bruto das rochas de quartzo e pirita;

e) finalmente, o ouro ia para o laboratório – provável local onde se tornava um produto comerciável.

Além disso, a arquiteta abordou nesse meio que havia uma estrutura de apoio às atividades mineradoras e uma área de habitação dos funcionários da mineradora, em torno de 300 trabalhadores, segundo relatos de moradores locais.

Nessa mesma dinâmica, a arquiteta fez uma explanação sobre os tipos de materiais construtivos usados nas estruturas da mina, com base nas análises locais e nas análises dos materiais provenientes do resgate arqueológico (fragmentos de argamassa, tijolo de dois furos, fragmentos de telha e fragmentos de louças – Figuras 22 e 23). Tem-se que os materiais construtivos foram produzidos entre as décadas de 1930 e 1940. Ela especificou as principais características dos materiais e sua funcionalidade na época.



FIGURA 22: APRESENTAÇÃO SOBRE OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS ENCONTRADOS.



FIGURA 23: APRESENTAÇÃO SOBRE OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS ENCONTRADOS.

Em termos de considerações finais, a arquiteta destacou os seguintes aspectos:

- a) as estruturas ainda podem ser compreendidas no contexto do próprio sítio;
- b) a importância econômica e histórica que teve / tem a mina para o estado do Paraná;
- c) e o potencial educativo e/ou turístico cultural que esses remanescentes podem representar, principalmente para o município de Campo Largo.

Finalizada a apresentação do webinar, foi aberto o espaço para as perguntas e disponibilizado, no chat, o formulário de avaliação. Nesse meio, aconteceu uma discussão instigante entre os participantes, que revelou ser o assunto de grande importância para o campo científico e arqueológico. Quanto ao formulário, teve por objetivo angariar um feedback do público, avaliando, de maneira geral, a recepção dos temas tratados e o entendimento do conteúdo, bem como os aspectos do evento a serem ajustados e melhorados nas próximas ações de Educação Patrimonial realizadas pela Espaço Arqueologia.

3.2 MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

Outra ação de Educação Patrimonial executada refere-se à disponibilização de materiais didático-pedagógicos sobre arqueologia e patrimônio cultural à Secretaria de

Educação do município de Campo Largo. Esses materiais poderão ser aplicados pelos professores das escolas desses municípios, em momento oportuno.

O Quadro 2 apresenta as características dos materiais sobre arqueologia e patrimônio cultural enviados.

QUADRO 2: MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS DISPONIBILIZADOS.

Material didático-pedagógico	Características	Ementa
Arqueologia e Educação Patrimonial: proposta de oficinas temáticas	Guia de Aplicação 1. Folha A5 [digital]. 19 páginas. Texto e imagens.	Apresentação. Contextualização. A pesquisa arqueológica. Etapas da pesquisa arqueológica. O contexto da Educação Patrimonial no Brasil. Propostas de oficinas interdisciplinares de Educação Patrimonial. Seção “Para saber mais”.
Arqueologia e Educação Patrimonial: oficina de cerâmica tradicional	Guia de Aplicação 2. Folha A5 [digital]. 14 páginas. Texto e imagens.	Apresentação. Contextualização. Cerâmica: gestos e técnicas para a transformação da matéria. Pasta, morfologia, tratamento de superfície, decoração, queima. Oficina de cerâmica tradicional, interdisciplinaridade e transversalidade. Seção “Para saber mais”.
Cerâmica: confecção, passo a passo	Vídeo. 3min54s.	Passo a passo da confecção de um vasilhame. Ferramentas. Pasta: argila, água e tempero. Morfologia, tratamento de superfície e decoração.

O Guia de Aplicação 1, “Arqueologia e Educação Patrimonial: proposta de oficinas temáticas”, consiste na proposição de sete oficinas a serem aplicadas pelos professores em sala de aula, de acordo com as disciplinas que lecionam (Quadro 3).

QUADRO 3: CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS OFICINAS TEMÁTICAS DO GUIA DE APLICAÇÃO 1.

Oficina temática	Temas	Disciplinas
Nossa Cidade, Nosso Patrimônio: elaboração de um dossiê sobre bens culturais	Patrimônio cultural material e imaterial.	História, Geografia e Língua Portuguesa



Oficina temática	Temas	Disciplinas
Patrimônio cultural em sabores: pesquisa sobre os pratos típicos da cidade	Patrimônio cultural imaterial. Transmissão de conhecimentos tradicionais. Saber-fazer. Comidas típicas.	História, Geografia, Matemática e Ciências
Quem conta um conto...: pesquisa sobre histórias, lendas e contos tradicionais regionais	Patrimônio cultural imaterial. Memórias locais.	Educação Artística, História, Língua Portuguesa e Educação Física
O patrimônio em forma e as formas no patrimônio: estudo sobre as formas geométricas dos patrimônios arquitetônicos	Patrimônio cultural edificado.	Educação Artística, Matemática e Física
O patrimônio cultural em números: elaboração de gráficos sobre os patrimônios materiais e imateriais	Patrimônio cultural material e imaterial.	Matemática, História e Geografia
Fazendo-se entender e conhecer: guia turístico bilíngue	Patrimônio cultural material e imaterial. História e paisagem local.	Língua Portuguesa e Língua Inglesa e/ou Espanhola
Notícias históricas: jornal sobre a história da cidade	História local e regional.	História, Língua Portuguesa e Educação Artística

Já o Guia de Aplicação 2, “Arqueologia e Educação Patrimonial: oficina de cerâmica tradicional”, trata da elaboração de um vasilhame cerâmico e dos potenciais de aplicação de uma oficina de cerâmica tradicional como componente interdisciplinar e transdisciplinar na escola. São apresentadas, assim, noções iniciais necessárias a confecção de um vasilhame cerâmico, bem como de que maneira as fases de aplicação da oficina podem ser utilizadas para tratar de temas pertinentes à grade curricular – ou mesmo temas transversais. Em complemento a esse Guia de Aplicação, foi também disponibilizado um vídeo que ilustra as etapas (passo a passo) necessárias para se fazer o vasilhame, indicando, também, o material a ser usado na sua confecção.

Além dos materiais didático-pedagógicos, atendendo ao parecer técnico 102/2021/DIVTEC IPHAN-PR/IPHAN-PR (SEI! 2576128), que colocou algumas condicionantes às novas ações de Educação Patrimonial, foram elaborados materiais



sobre o sítio histórico Fazenda Timbutuva 8 (onde localiza-se a Mina de Ouro Timbutuva). Esses materiais são um **livreto informativo impresso e um material audiovisual**, também disponibilizados à Secretaria Municipal de Educação do município de Campo Largo, com o intuito de promover o maior alcance da comunidade escolar sobre as pesquisas realizadas na área.

Dessa Forma, assim que possível o retorno das atividades presenciais, os alunos terão contato com os resultados da pesquisa histórica e dos levantamentos realizados na área da antiga mina – considerando, conforme parecer técnico, que grande parcela da população da região não possui acesso à internet. O Quadro 4 apresenta as características dos materiais sobre os trabalhos realizados no sítio.

QUADRO 4: MATERIAIS IMPRESSO E AUDIOVISUAL SOBRE O TRABALHO REALIZADO NO SÍTIO.

Material	Características	Temas
Material informativo “Mina de Ouro Timbutuva” [Livreto Físico]	Livreto informativo. Folha A5 [impresso]. 21 páginas. Texto, imagens e atividades de fixação.	Introdução à arqueologia, Sítios Arqueológicos Históricos, Campo Largo e a Mineração no Paraná, A Mina de Ouro Timbutuva, a Pesquisa Realizada e o Resgate Arqueológico.
Material informativo “Mina de Ouro Timbutuva” [Arquivo Digital]	Livreto informativo. Folha A5 [digital]. 21 páginas. Texto, imagens e atividades de fixação.	Introdução à arqueologia, Sítios Arqueológicos Históricos, Campo Largo e a Mineração no Paraná, A Mina de Ouro Timbutuva, a Pesquisa Realizada e o Resgate Arqueológico.
Arquitetura e História na Mina de Ouro Timbutuva [Audiovisual]	Vídeo. 26min31s.	Introdução à arqueologia regional, Histórico da mineração no Paraná, Levantamento arquitetônico e estruturas da Mina de Ouro Timbutuva.

Acredita-se que os materiais proporcionarão aos professores maior autonomia no que se refere ao conteúdo próprio aos campos da Arqueologia e Educação Patrimonial, tendo em vista que as atividades em sala de aula poderão ser adaptadas à realidade local e realizadas em momentos mais adequados para a dinâmica do currículo escolar. Além do aspecto do incremento que o conhecimento agregado a esse material deverá



proporcionar ao planejamento que envolve a comunidade escolar, os guias didático-pedagógicos são conteúdos de natureza transversal e interdisciplinar, podendo ser utilizados em turmas diversas no decorrer do ano letivo.

A disponibilização dos materiais à Secretaria de Educação de Campo Largo, precedida por contato telefônico, aconteceu por e-mail, e a entrega presencial do material informativo ocorreu no dia 23 de julho de 2021. Foram entregues 100 (cem) cópias do material informativo sobre o sítio arqueológico Fazenda Timbutuva 8 à Secretaria Municipal de Educação, que se colocou à disposição para distribuir entre as escolas sugeridas. A quantidade foi pensada para que fossem entregues 10 (dez) unidades do livreto a cada uma das 10 (dez) escolas mais próximas ao sítio arqueológico (raio aproximado de 5km). São elas:

Escola	Localização
E.M. Luiz Julio	R. Mato Grosso - Caratua
E.M. Pe. Natal Pigato E.I.E.F.	R. Mato Grosso, 7971 - Ferraria
E.M. Vereador José Andreassa	R. Nossa Sra. da Aparecida, 301 - Cercadinho
E.M. Caetano Munhoz da Rocha	Estr. Sereia, 140 - Rondinha
Colégio Estadual Augusto Vanin	R. Pedro Culpi Paulin, 651 - Jardim Rondinha
E.M. Solidariedade	R. Vicente Nalepa
E.M. Sete de Setembro	R. José Antônio Pupi - Vila Elizabeth
E.M. Diácono Edgard Marochi	R. José Soares Pinto, 1095 - Vila Bancária
E.M. Primeiro de Maio	R. Joanim Stroparo - Vila Bancária
Escola Estadual José Ribas Vidas	R. Nossa Sra. da Aparecida - Jardim Santa Nely

O envio digital e a entrega presencial dos materiais à Secretaria Municipal de Educação de Campo Largo estão ilustrados nas imagens a seguir (Figuras 24 a 26).



FIGURA 24: ENTREGA DO MATERIAL INFORMATIVO SOBRE O SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 8 À REPRESENTANTE DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE CAMPO LARGO.



FIGURA 25: ENVIO DOS GUIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS À REPRESENTANTE DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE CAMPO LARGO.

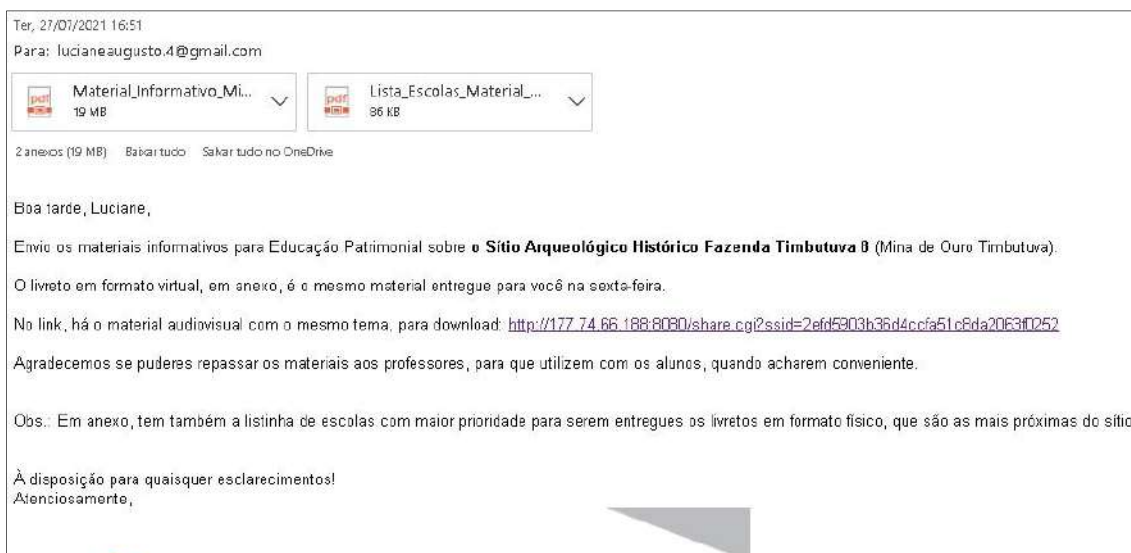


FIGURA 26: ENVIO DOS MATERIAIS INFORMATIVOS SOBRE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO À REPRESENTANTE DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE CAMPO LARGO.

Com o intuito de aumentar o alcance da ação, foram impressas outras 100 cópias do livreto informativo, distribuídas entre os museus Paranaense e Histórico de Campo Largo (50 cópias para cada). Estas entregas estão ilustradas nas imagens 27 e 28 abaixo.



FIGURA 27: ENTREGA DO MATERIAL INFORMATIVO SOBRE O SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 8 À REPRESENTANTE DO MUSEU HISTÓRICO DE CAMPO LARGO.



FIGURA 28: ENTREGA DO MATERIAL INFORMATIVO SOBRE O SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA A REPRESENTANTE DO MUSEU PARANAENSE.

3.3 AVALIAÇÃO

A avaliação da execução do webinar foi realizada a partir de distintos critérios, complementares entre si. Assim, foram observadas a adesão do público, a interação durante o evento e as respostas provenientes do preenchimento dos formulários disponibilizados no chat.

A forma de avaliar o engajamento e o alcance de pessoas foi pela permanência e participação ativa no encontro on-line. No início do webinar, a sala virtual contava com aproximadamente 27 participantes (Figura 29).



FIGURA 29: QUANTIDADE DE PESSOAS NO INÍCIO DO WEBINAR.

Esse número de participantes manteve-se em uma média de 35 (trinta e cinco) pessoas ao longo do evento, chegando a 38 (trinta e oito) até a sua finalização (Figuras 30 e 31).

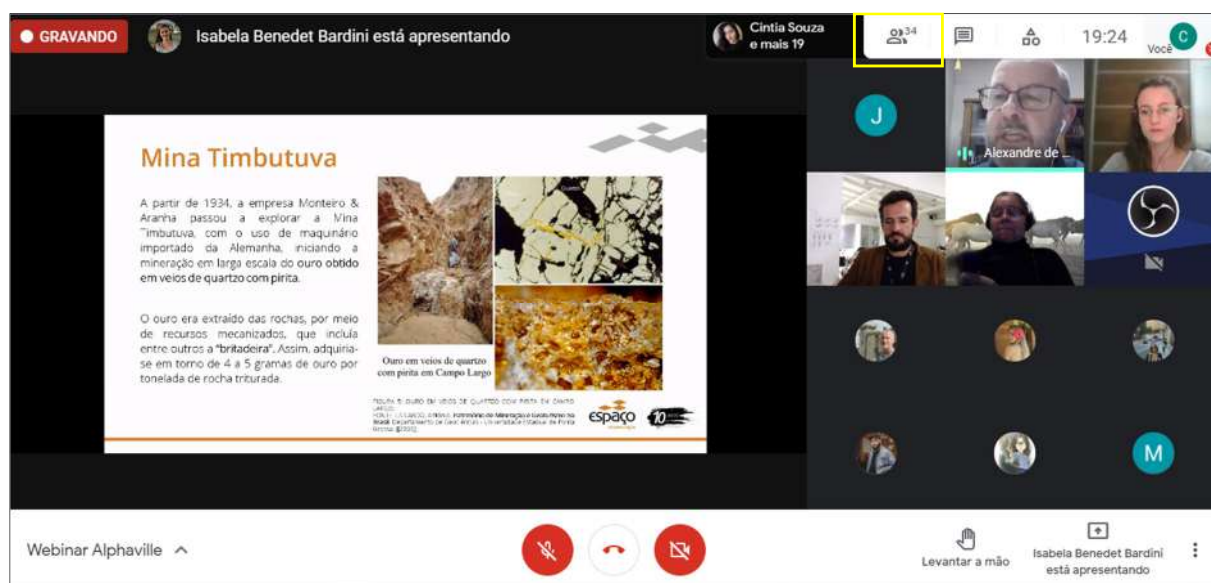


FIGURA 30: QUANTIDADE DE PESSOAS AO LONGO DO WEBINAR.



FIGURA 31: QUANTIDADE DE PESSOAS AO LONGO DO WEBINAR.

Desses, 07 (sete) participantes preencheram o formulário de participação. A partir dos dados de preenchimento, foi possível observar que o público foi majoritariamente de arqueólogos. Houve, também, a participação de um técnico em arqueologia, um auxiliar administrativo, um assistente de serviços culturais, um historiador e um estudante de arquitetura e urbanismo (Gráfico 1).

Profissão
7 respostas

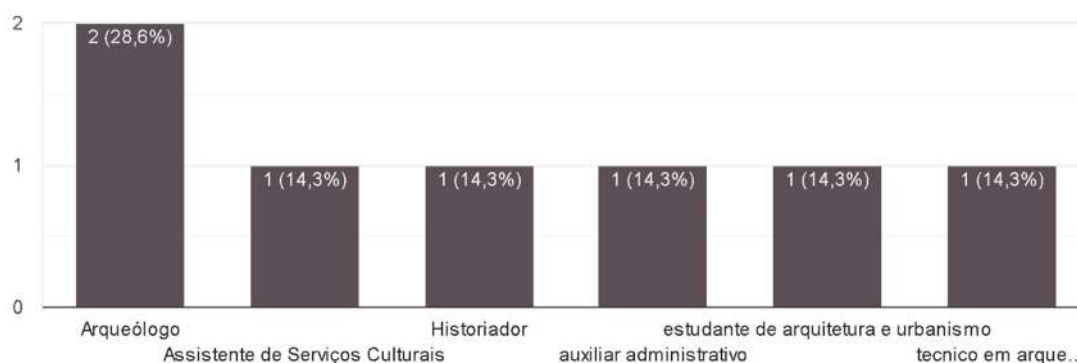


GRÁFICO 1: PROFISSÕES DO PÚBLICO PARTICIPANTE.

Além da quantidade e variedade do público participante e das interações ocorridas no encontro, para avaliar o desempenho do webinar como ação de Educação Patrimonial foi realizado um formulário em que os participantes podiam dar sua opinião e avaliar, numericamente, algumas questões. No formulário, havia um campo de

identificação, não obrigatório, que duas pessoas utilizaram para se identificar e outras duas mantiveram-se anônimas.

Com relação à satisfação geral sobre o evento, das 4 (quatro) pessoas que responderam, todas se mostraram “muito satisfeitas” (Gráfico 2).

Você ficou satisfeito com o evento?

4 respostas

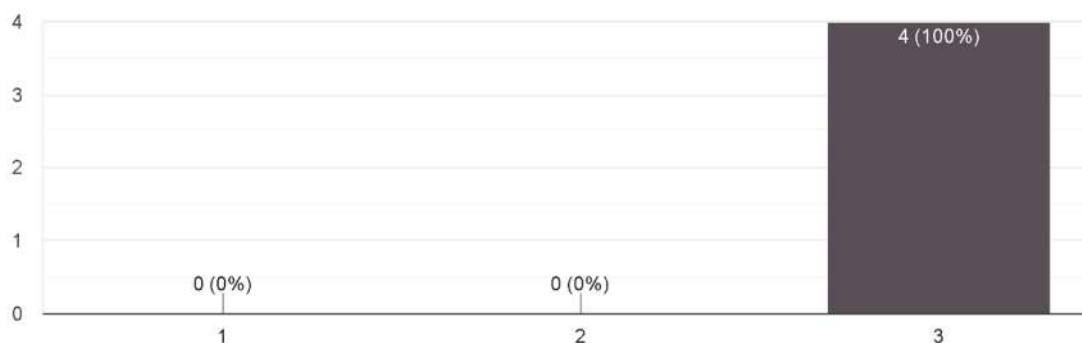


GRÁFICO 2: SATISFAÇÃO GERAL COM O EVENTO.

Tratando-se da relevância do webinar para a atuação profissional, em que as respostas do formulário disponibilizado variavam de 1 a 3 (sendo 1 = pouco útil e 3 = muito útil), todos que responderam assinalaram que é “muito útil” (Gráfico 3).

O evento foi relevante e útil para seu trabalho?

4 respostas

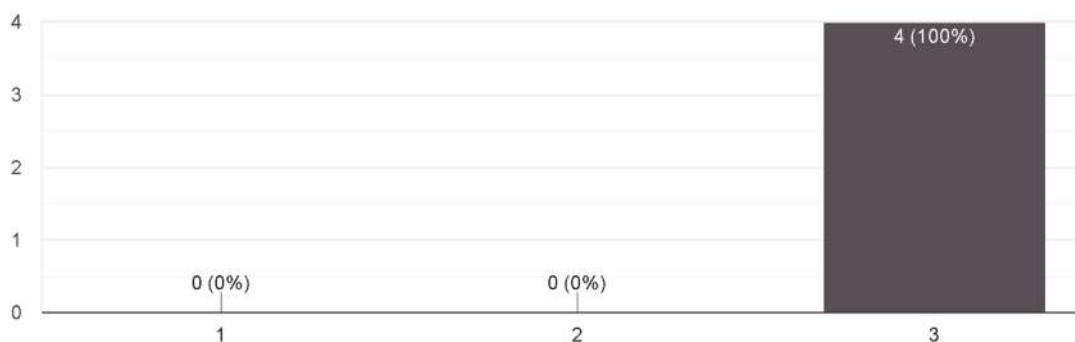


GRÁFICO 3: RELEVÂNCIA PARA A VIDA PROFISSIONAL.

Na pergunta “Que contribuição os temas abordados no evento trouxeram para a sua vida diária e/ou profissional?”, 4 (quatro) interações ocorreram (Figura 32).

Que contribuição os temas abordados no evento trouxeram para a sua vida diária e/ou profissional?

4 respostas

A arqueologia dentro de um sítio histórico

Conteúdo muito interessante para meus estudos (faculdade), no entendimento de levantamento arquitetônico e história da região.

Muitas informações interessantes para entender a importância das pessoas arqueológicas na região

Metodologia

FIGURA 32: RESPOSTAS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO EVENTO PARA A VIDA DIÁRIA E/OU PROFISSIONAL.

Quanto à logística, 100% das respostas foram no item “muito satisfeito”, conforme demonstra o Gráfico 4 e o feedback adicional abaixo (Figura 33).

Você ficou satisfeito com a logística?

4 respostas

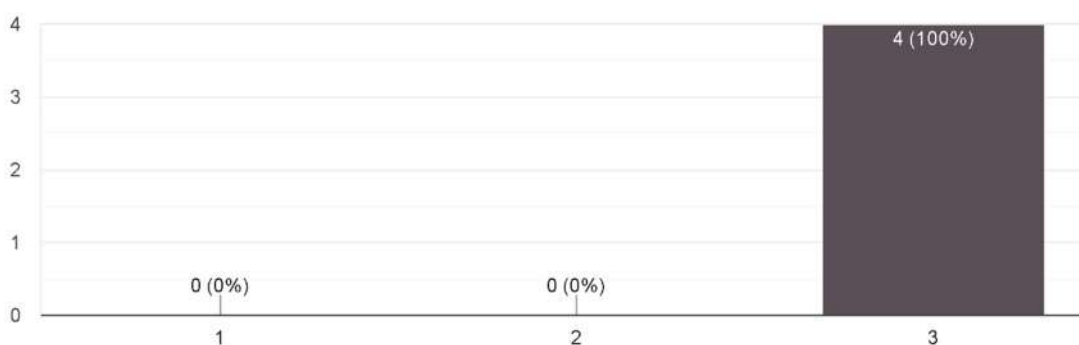


GRÁFICO 4: SATISFAÇÃO COM A LOGÍSTICA DO EVENTO.

Feedback adicional sobre a logística

1 resposta

Muito bem organizado.

FIGURA 33: FEEDBACK ADICIONAL SOBRE A LOGÍSTICA DO EVENTO.

Na pesquisa de relevância dos temas abordados, quais sejam “Introdução sobre a Arqueologia Regional”, “Histórico da mineração no Paraná” e “Mina Timbutuva e os

estudos realizados”, a opção “muito relevante” foi predominante entre as respostas (Gráfico 5).

Avalie os conteúdos abordados:



GRÁFICO 5: RELEVÂNCIA DOS TEMAS ABORDADOS NO EVENTO.

Como comentários adicionais sobre o conteúdo ou a programação do evento como um todo, obteve-se 2 (duas) respostas:

Algum comentário adicional sobre o conteúdo ou a programação como um todo?

2 respostas

Tema bem exposto.

Parabéns!

FIGURA 34: FEEDBACK ADICIONAL SOBRE O EVENTO NO GERAL.

Outra forma de avaliar a recepção e a eficiência da organização do webinar e do conteúdo tratado foram as interações espontâneas pelo chat, após a apresentação. Por esse meio, foram realizadas perguntas e colocações positivas do público participante, conforme pode ser visualizado nas Figuras 35 e 38.

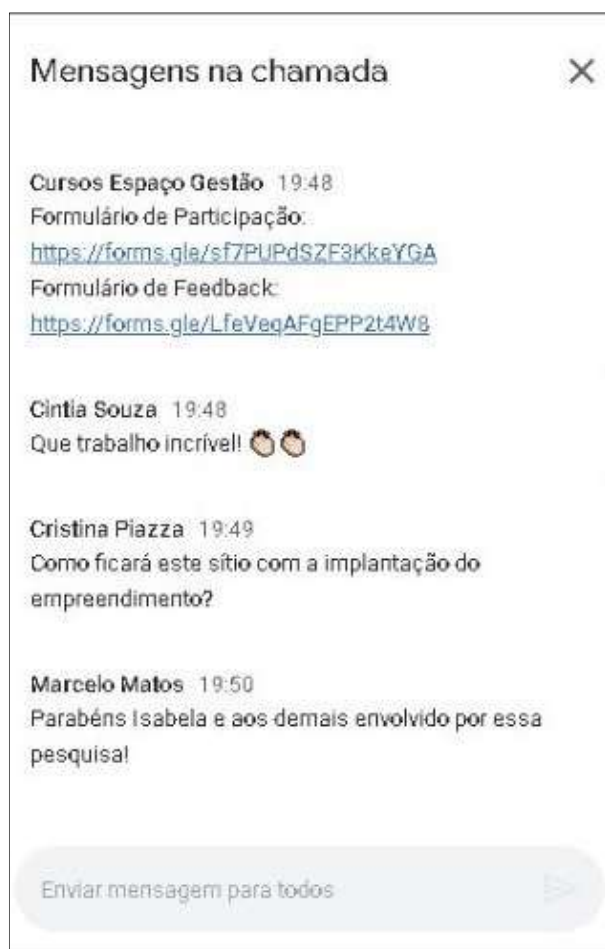


FIGURA 35: INTERAÇÕES REALIZADAS NA APRESENTAÇÃO.

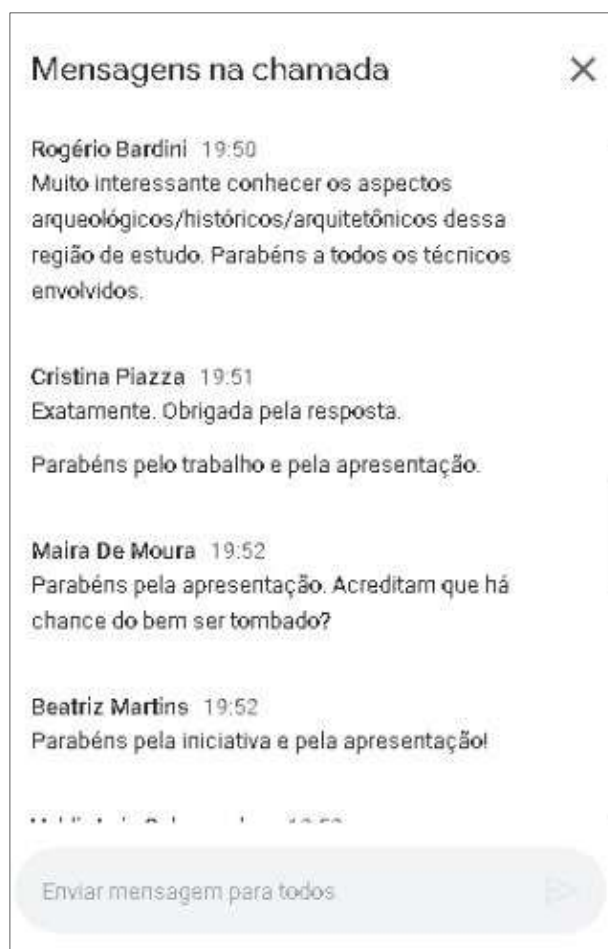


FIGURA 36: INTERAÇÕES REALIZADAS NA APRESENTAÇÃO.

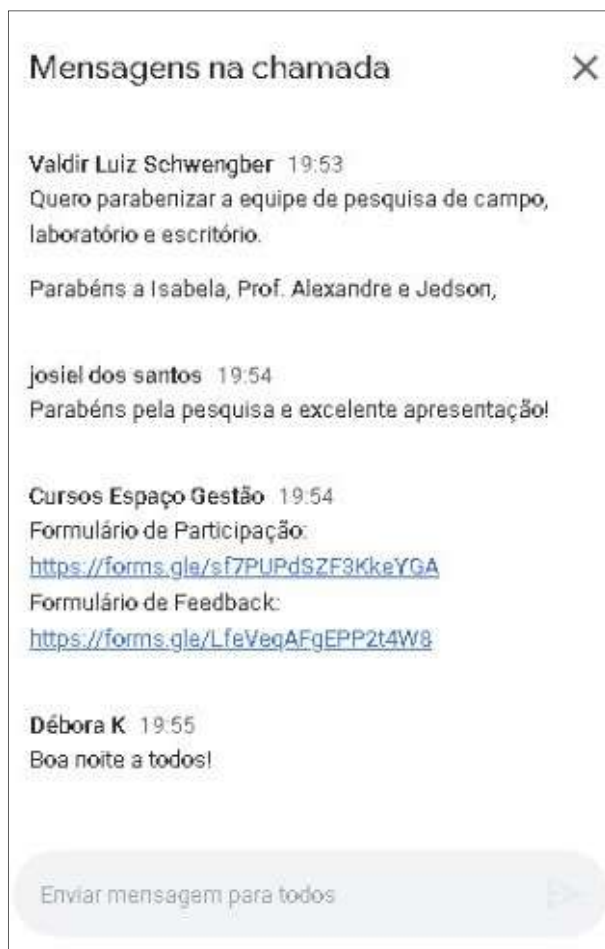


FIGURA 37: INTERAÇÕES REALIZADAS NA APRESENTAÇÃO.

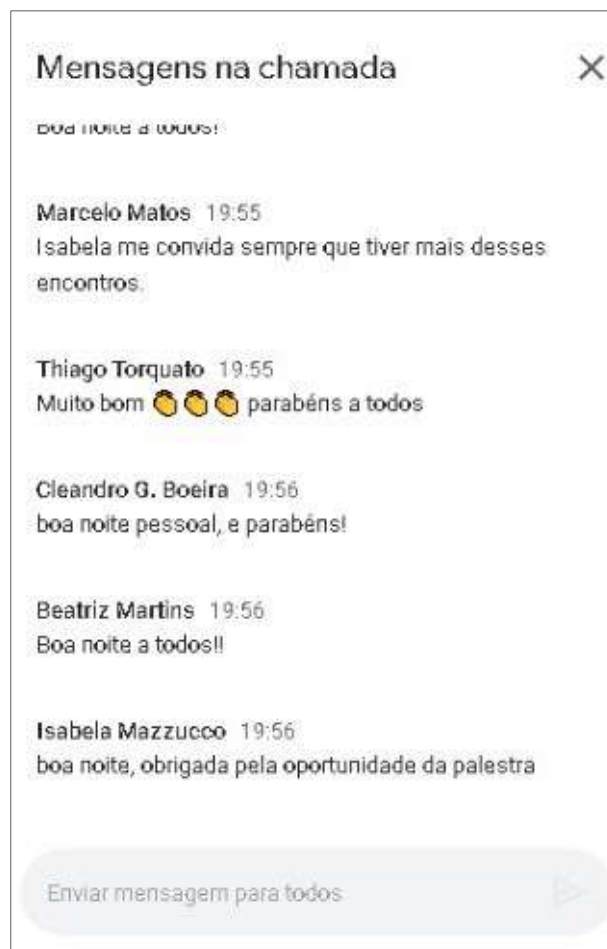


FIGURA 38: INTERAÇÕES REALIZADAS NA APRESENTAÇÃO.

Além dessas formas, a avaliação também foi realizada de maneira processual, em que a equipe envolvida com a realização do webinar (principalmente) e com a elaboração e disponibilização dos materiais didático-pedagógicos avaliou a efetividade das estratégias utilizadas e o retorno a partir dos diferentes agentes sociais com os quais foi realizado contato. Assim, com as instituições de cultura e educação, além da disponibilização dos materiais foi solicitado auxílio na divulgação, o que foi atendido tanto no caso de Curitiba quanto no de Campo Largo. A prefeitura de Campo Largo, conforme colocado anteriormente, também divulgou o webinar no Facebook do museu histórico. Isso demonstra certo nível de engajamento dos agentes públicos contatados em relação ao evento.

No mais, a participação plural no webinar demonstra o alcance das divulgações realizadas pelas redes sociais digitais e os convites pessoais. Reuniu-se, assim, pessoas



com diferentes atuações com o interesse em comum em conhecer e discutir o patrimônio arqueológico e arquitetônico da Mina de Ouro Timbutuva. A adesão e a participação ocorridas no evento foram vistas pela equipe de Educação Patrimonial como um bom retorno das estratégias de divulgação e de organização, desde a elaboração do convite até o formato que se organizou a apresentação.

Essas considerações, acrescentadas aos resultados gerados pela aplicação dos formulários de avaliação, permitem afirmar que o objetivo de promover um ambiente de promoção do patrimônio cultural e de estímulo à reflexão sobre os potenciais dos vestígios arqueológicos para o entendimento da ocupação humana regional, estimulando seu reconhecimento, valorização, proteção e promoção, foi alcançado. Além disso, se verifica a adequação dos instrumentos e estratégias para a execução das atividades de Educação Patrimonial nos moldes aqui descritos.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relatório, foram apresentadas as ações inerentes à Educação Patrimonial realizadas no âmbito do Programa de Resgate Arqueológico, Monitoramento e Educação Patrimonial do Empreendimento Imobiliário Alphaville Paraná Residencial Sul e Norte, município de Campo Largo/PR. Tendo em vista a pandemia de Covid-19 e as determinações das autoridades sanitárias para se evitar eventos que acarretem em aglomerações, foram propostas metodologias privilegiando-se ferramentas de tecnologia da informação que tiveram seu uso ampliado no contexto pandêmico e que, do ponto de vista da equipe de Educação Patrimonial, proporcionam que se alcance um amplo público de maneira efetiva.

As formas de divulgação do evento on-line foram fundamentais, os contatos realizados por e-mail e nas redes sociais permitiram alcançar um bom número de pessoas, sendo que a adesão e participação foram consideráveis. Foi possível estabelecer um espaço de diálogo entre diferentes agentes sociais interessados no objeto tema da pesquisa. Portanto, tendo como ponto de partida as pesquisas no sítio histórico Fazenda Timbutuva 8, os resultados dos levantamentos arquitetônicos, pesquisa histórica e análises dos vestígios arqueológicos, foi promovida uma discussão ampla sobre a arqueologia histórica representada pelos remanescentes da Mina de Ouro Timbutuva. Foi ressaltado, ainda, o potencial científico e patrimonial dos vestígios arqueológicos, estimulando sua valorização, proteção e promoção, o que pode ser constatado nas respostas do formulário de avaliação e nas interações realizadas pelo chat durante o evento.

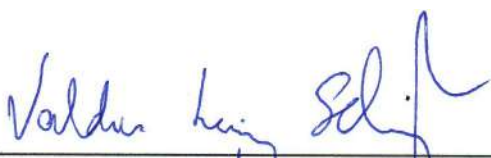
Quanto aos recursos didático-pedagógicos, entende-se que podem viabilizar a prática e a elaboração das aulas pelos professores. Para isso, os guias de aplicação, enviados à secretaria de educação, contam com o recurso de oficinas práticas, que estimulam uma interação entre os discentes e docentes, bem como um ambiente de aprendizagem ligado ao campo da arqueologia e do patrimônio cultural. Além disso, os materiais impresso e audiovisual voltados à pesquisa arqueológica realizada neste Programa, ou seja, com conteúdo relacionado à Fazenda Timbutuva, têm o potencial de



proporcionar uma apropriação e, conseqüentemente, a valorização deste patrimônio arqueológico por parte da comunidade local.

Ressalta-se, ainda, que, nos trabalhos de Monitoramento Arqueológico, também serão realizadas ações de Educação Patrimonial – a serem conduzidas pelo arqueólogo de campo com os colaboradores envolvidos nas obras de implantação do residencial, sendo apresentadas nos Relatórios de Monitoramento Arqueológico.

Sendo assim, pelo exposto, acredita-se que o objetivo colocado pelo Projeto de Educação Patrimonial, qual seja, a promoção de um espaço de diálogo e estímulo ao reconhecimento, valorização, proteção e promoção do patrimônio cultural, foi alcançado, conforme se demonstrou nas ações e avaliação descritas ao longo do presente relatório.



Valdir Luiz Schwengber, Dr.
Arqueólogo Responsável



REFERÊNCIAS

DOTTA, S., GIORDAN, M. Estratégias para Condução do Diálogo a Distância. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 22, n. 2, p. 77-87, 2014.

FLORÊNCIO, S. R. Política de Educação Patrimonial no IPHAN: Diretrizes conceituais e ações estratégicas. **Rev. CPC**, São Paulo, n. 27, especial, p. 55-89, jan./jul. 2019.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília, DF: IPHAN, 2014.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Portaria nº 137, de 28 de abril de 2016**. Estabelece diretrizes de Educação Patrimonial no âmbito do Iphan e das Casas do Patrimônio. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_n_137_de_28_de_abril_de_2016.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Portaria nº 375, de 19 de setembro de 2018**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/41601273/do1-2018-09-20-portaria-n-375-de-19-de-setembro-de-2018-41601031>. Acesso em: 22 jan. 2021.

SILVA, E. R.; DOTTA, S. Interfaces da flexibilidade cognitiva e da aprendizagem em fóruns de discussão. **RIED. Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**, v. 21, n. 1, p. 303-322, 2018.



APÊNDICES



APÊNDICE 1 – MATERIAL INFORMATIVO SOBRE O SÍTIO ARQUEOLÓGICO

MINA DE OURO
FAZENDA TIMBUTUVA

APRESENTAÇÃO

Este material resulta de pesquisas desenvolvidas no sítio histórico Fazenda Timbutuva 8, no âmbito do Programa de Resgate Arqueológico, Monitoramento e Educação Patrimonial do empreendimento imobiliário Alphaville Paraná Residencial 1 e 2, município de Campo Largo, PR.

Em decorrência da prospecção arqueológica realizada no ano de 2016, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) determinou a realização de investigações arqueológicas sobre este e outros sítios arqueológicos identificados na região, prevendo ações que possibilitem divulgar as pesquisas que estão ocorrendo e estabelecer vínculos entre a comunidade e os bens culturais da região. Assim, a empresa Espaço Arqueologia desenvolveu este livreto para a difusão da história dessa antiga mina de ouro na Fazenda Timbutuva e dos trabalhos realizados.

Nas próximas páginas serão tratados os seguintes temas:

Arqueologia

Sítio Arqueológico Histórico

Mineração no Paraná

Sítio Histórico Fazenda Timbutuva 8

Ao fim do material, sugerem-se atividades envolvendo os conteúdos abordados.

Tenha uma ótima leitura!



A ARQUEOLOGIA

Com origem na língua grega, a palavra arqueologia traduz a expressão de antigo (Archaicos) e estudo (Logos), inicialmente sendo entendida como o “estudo do passado”.

Atualmente, pode-se dizer que a arqueologia é o campo do conhecimento que estuda grupos humanos através de vestígios materiais deixados por eles. Assim, para os arqueólogos e arqueólogas, a cultura material é a principal fonte de informações para se entender dinâmicas socioculturais, costumes, modos de vida e apropriação do território por grupos humanos.

Como exemplos de cultura material, temos a arquitetura, na forma de remanescentes de habitações ou outras construções; a arte rupestre, na forma de pinturas em cavernas ou gravuras em pedras; pedras lascadas para fabricação de armas de caça; e fragmentos de vasilhas cerâmicas. Hoje, os diferentes lugares ocupados por grupos humanos onde se encontram vestígios materiais são chamados de sítios arqueológicos.



O QUE É UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO?

Sítio Arqueológico é o local onde se encontram vestígios resultantes de atividades humanas, do período pré-colonial ou histórico, localizados em superfície, subsuperfície ou submersos, passível de contextualização arqueológica (Portaria nº 316, de 4 de novembro de 2019).

É um patrimônio cultural que não se limita apenas aos bens de um passado muito distante, mas, também, àqueles produzidos no tempo presente. É preciso entendê-lo em seu contexto de instalação, com base no estudo dos vestígios materiais que se encontram em sua área.

Alguns tipos de sítios são os seguintes:

- **Líticos:** formados por instrumentos confeccionados em pedra;
- **Cerâmicos:** formados por materiais cerâmicos, em fragmentos ou inteiros;
- **Lito-cerâmicos:** onde se encontram materiais líticos e cerâmicos;
- **Arte rupestre:** são caracterizados por pinturas ou gravuras em suportes rochosos;
- **Estruturas subterrâneas:** construções arquitetônicas em formato de concavidades circulares na terra;
- **Sambaquis, cerritos, aterros, mounds:** são construções formadas por movimentação de terra, conchas ou outros materiais, resultando em elevações (montículos) na paisagem;
- **Sítios históricos:** são compostos por ruínas de antigas edificações, utensílios domésticos, recipientes, ferramentas de trabalho e demais vestígios materiais de grupos não indígenas provenientes de outros lugares do mundo (Europa e África, principalmente).

Alguns exemplos são: fazendas, quilombos, igrejas, praças, entre outros.



Por sua importância histórico-cultural e científica reconhecida, no Brasil, os sítios arqueológicos são protegidos pela seguinte legislação:

- Constituição Federal de 1988;
- Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961;
- Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro 1937.

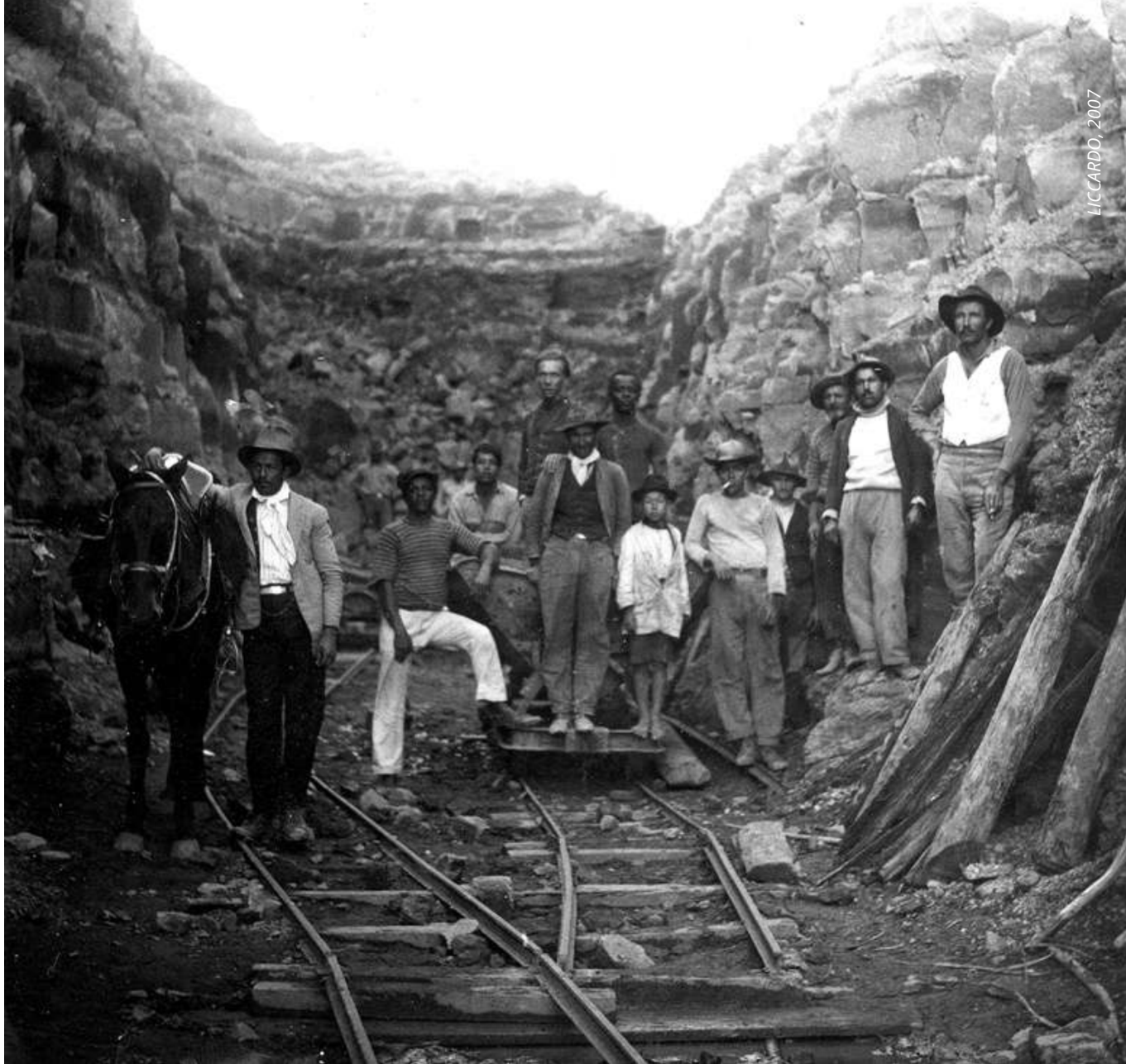
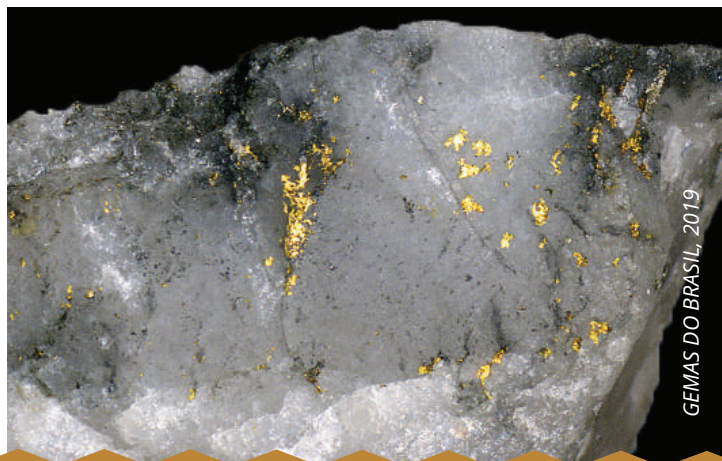
CAMPO LARGO E O CICLO DO OURO

Você sabia?

- No século XVI, o território do Paraná, já habitado por povos guarani e jê, foi palco das entradas e bandeiras, que vinham em busca dos metais preciosos e da captura e escravização desses indígenas, motivos de grande interesse para a Coroa Portuguesa;
- Ao final do século XVI, a notícia da descoberta de ouro em Paranaguá trouxe muita gente para a região paranaense;
- O garimpo contribuiu para a formação da Vila de Curitiba e de povoados dos arredores. Campo Largo, onde fica a Fazenda Timbutuva, foi um desses locais, tendo em vista a instalação de muitos garimpeiros em sua área vindos da capitania de São Vicente;
- O "Ciclo do Ouro", no século XVII, baseava-se na extração do ouro de aluvião – ou seja, o ouro encontrado no leito de rios, em forma de pó, lascas ou pepitas;
- Por volta da segunda metade do século XVII, Campo Largo era uma região de intensa passagem de garimpeiros e tropeiros, pois não apresentava grandes rios nem grandes alagadiços, o que facilitou sua ocupação;
- Com a escassez de ouro no século XVIII e a descoberta de novas minas na capitania de São Paulo, muitos garimpeiros abandonaram a região de Curitiba. Os que decidiram ficar, fixaram residência nas fazendas locais, e o comércio de gado passou a ser a principal atividade, aumentando o povoamento do entorno da vila de Curitiba;
- No início da década de 1930, a busca por ouro – agora em veios de quartzo – próximo à região de Curitiba, foi retomada, dessa vez com o emprego de novas tecnologias.

A MINA TIMBUTUVA

Em 1932, já com o uso de maquinário importado da Alemanha, as empresas Leão Júnior e Monteiro Aranha passaram a explorar, respectivamente, minas de ouro em Ribeirão do Ouro e Timbutuva. Nesse contexto, foi fundada a Mina Timbutuva S.A. No auge de seu funcionamento, contou com a instalação de um complexo industrial, vila operária e cerca de 300 trabalhadores. Resquícios das estruturas implantadas nessa época da mineração, de quase 100 anos, ainda estão mantidos no local. Os elementos desse sítio histórico são testemunhos materiais de fatos do passado relacionados a uma atividade econômica representativa no processo de povoamento dos arredores de Curitiba. O conjunto de edificações remanescentes da Mina de Ouro Timbutuva remonta às décadas de 1930 e 1940, sendo o seu estudo e sua divulgação meios para se reconhecer e valorizar a história local.



PESQUISA REALIZADA

Levantamento das Estruturas

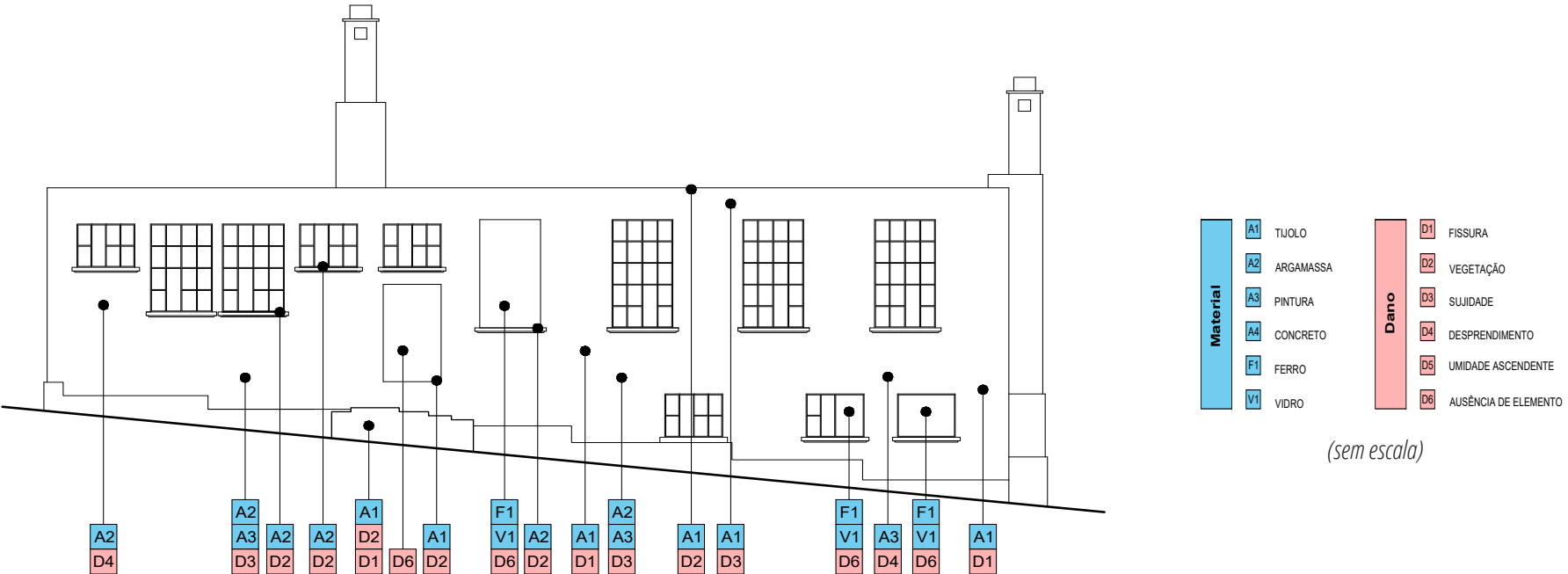
No caso de sítios arqueológicos em que há remanescentes de edificações, é realizado o trabalho de levantamento das estruturas. O levantamento é a etapa de desenho, medição e registro fotográfico para o estudo e a representação gráfica das construções.

Neste trabalho, por meio da comparação com fotografias antigas do local, foi possível identificar as funções de algumas estruturas encontradas. Além disso, o levantamento possibilitou o diagnóstico – ou seja, a verificação do estado de conservação das estruturas do sítio.

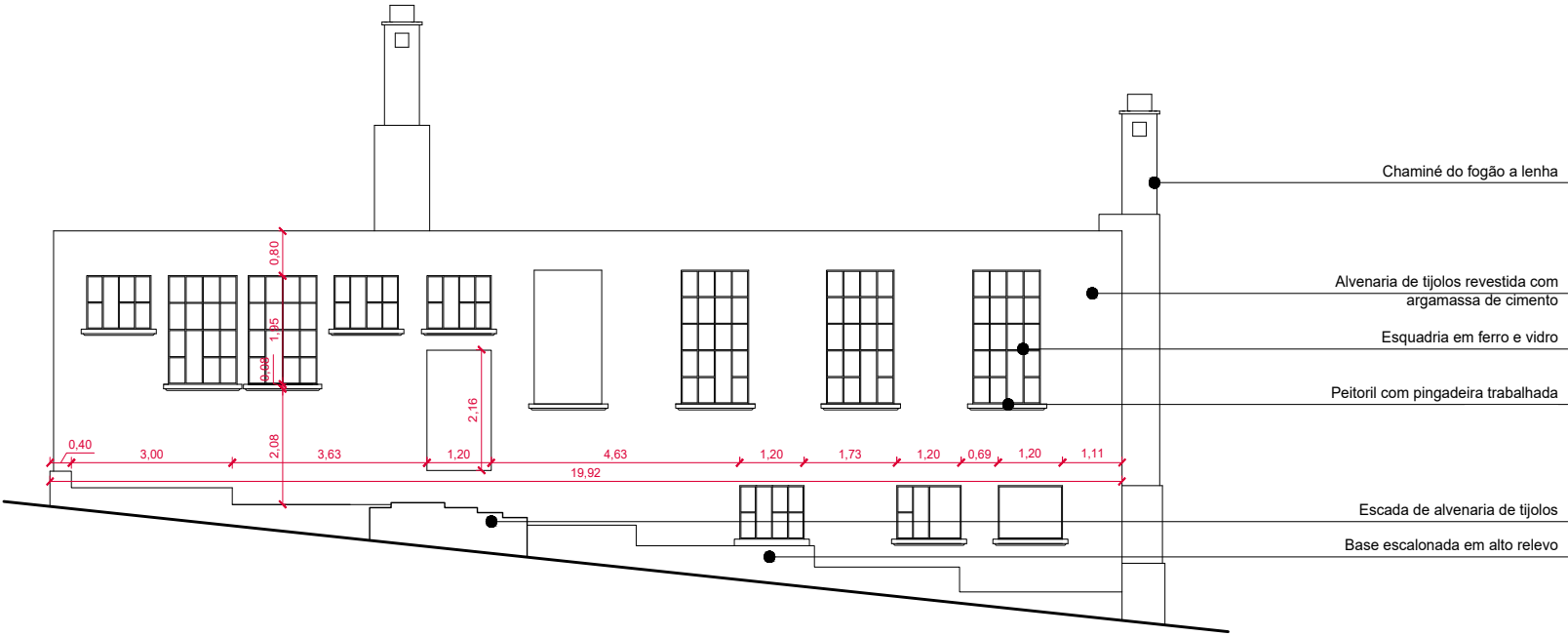
Processo de medição e desenho das estruturas do sítio arqueológico histórico.



Exemplos de representação gráfica e diagnóstico de uma das estruturas após os desenhos, análises e medições no local.



(sem escala)



1 Barracão

A única estrutura ainda em uso atualmente, o barracão serve de depósito para materiais e equipamentos de manutenção da fazenda. Pelas características da construção e seu amplo vão livre, é provável que, no passado, também tenha servido de armazém aos equipamentos de mineração.

2 Fundações da esteira

Base estrutural para os trilhos por onde passavam as vagonetas (popularmente conhecidas como “carrinhos de mina”). Essas vagonetas carregavam as pedras extraídas, fazendo a ligação entre as galerias e os britadores.

3 Fundações de edificação

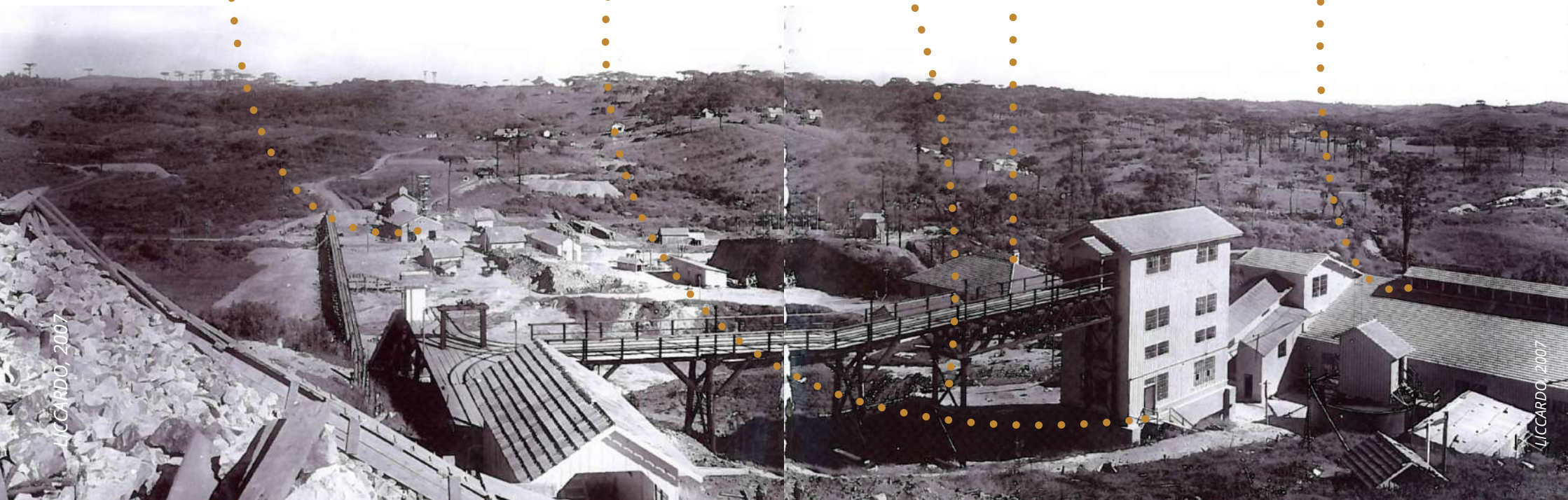
Base estrutural, construída em concreto, de uma edificação aparentemente em madeira. Nesta edificação chegavam as vagonetas com as pedras extraídas. As pedras eram então direcionadas à área dos britadores.

4 Laboratório

Ruínas de um casarão construído em concreto armado e tijolos de dois furos, com diversas repartições internas e um subsolo acompanhando a topografia. Nas paredes de uma das salas do pavimento superior, há vestígios de pinturas decorativas no rodapé. No pavimento inferior, há resquícios de um fogão a lenha e de banheiro.

5 Área dos britadores

Na área, há diversos remanescentes de estruturas que, um dia, serviram ao processo de britagem e separação do ouro. Os britadores tinham o objetivo de diminuir o tamanho das pedras, chegando mais próximo do ouro dentro delas. Há, ainda, outras estruturas em ruínas (prováveis tanques e valas, além de uma estrutura maior com buracos cilíndricos), que também faziam parte do processo.



1A



2



4A



5A



1B



3



4B



5B



6



Paio de Pólvora

Estrutura de planta circular e cobertura abobadada, onde se guardava os explosivos utilizados na mineração. As paredes em concreto têm 58 centímetros de espessura, e a parte inferior da estrutura é enterrada. Essas características arquitetônicas serviam de prevenção no caso de um acidente com os explosivos armazenados.

7



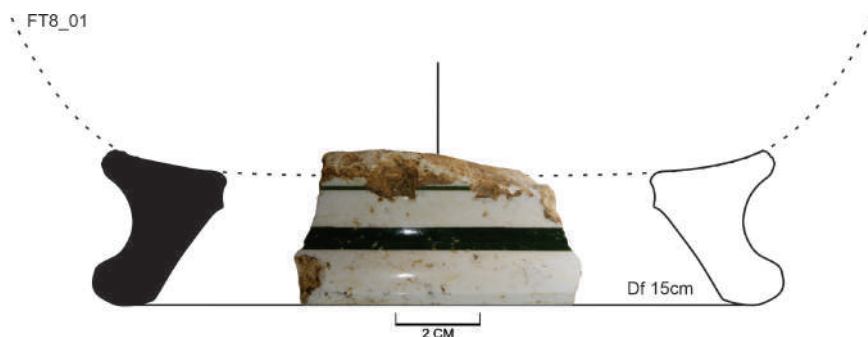
Entradas de Galerias

Na fazenda, há duas entradas para galerias – ou seja, entradas para os “túneis” subterrâneos de onde eram extraídas as pedras. No processo de extração, contava-se com a força braçal de muitos trabalhadores.

RESGATE ARQUEOLÓGICO

Sendo uma das etapas do estudo arqueológico, no resgate arqueológico acontece a escavação do sítio e a análise, em laboratório, dos materiais encontrados.

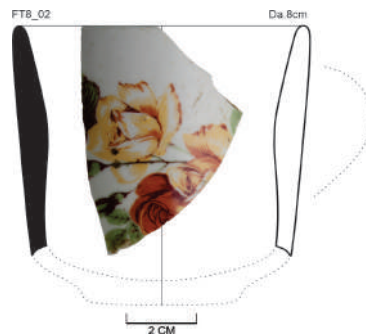
Na Mina Timbutuva, foram encontrados materiais que confirmam o período histórico e a função do local. São eles:



Fragmentos cerâmicos

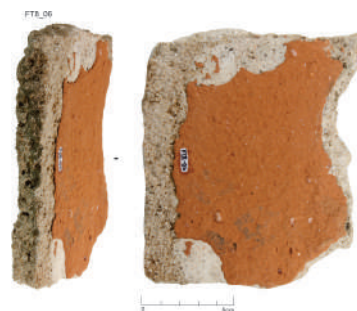
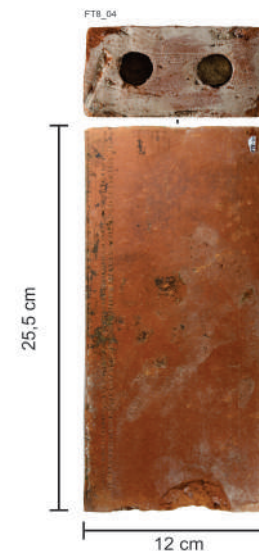
Fragmento cerâmico de uma base circular com 15 centímetros de diâmetro. Feito em faiança fina e com decoração impressa na cor verde. O formato acima do pé não pôde ser determinado com precisão.

Fragmento cerâmico de borda, com 08 centímetros de diâmetro. Porcelana decorada com motivo floral impresso. A interpretação leva a uma chávena para café ou chá.



Materiais construtivos

Tijolo de dois furos, de terracota, produzido em maquinaria com a técnica de presa e queimado em baixa temperatura.



Fragmento de argamassa com grãos arredondados de areia e camada de tijolo pegada à parede.

Fragmentos de telha “francesa”, produzida em terracota sob molde prensado. É possível identificar o fabricante (TABORDA) e o período de produção (1910 a 1933).



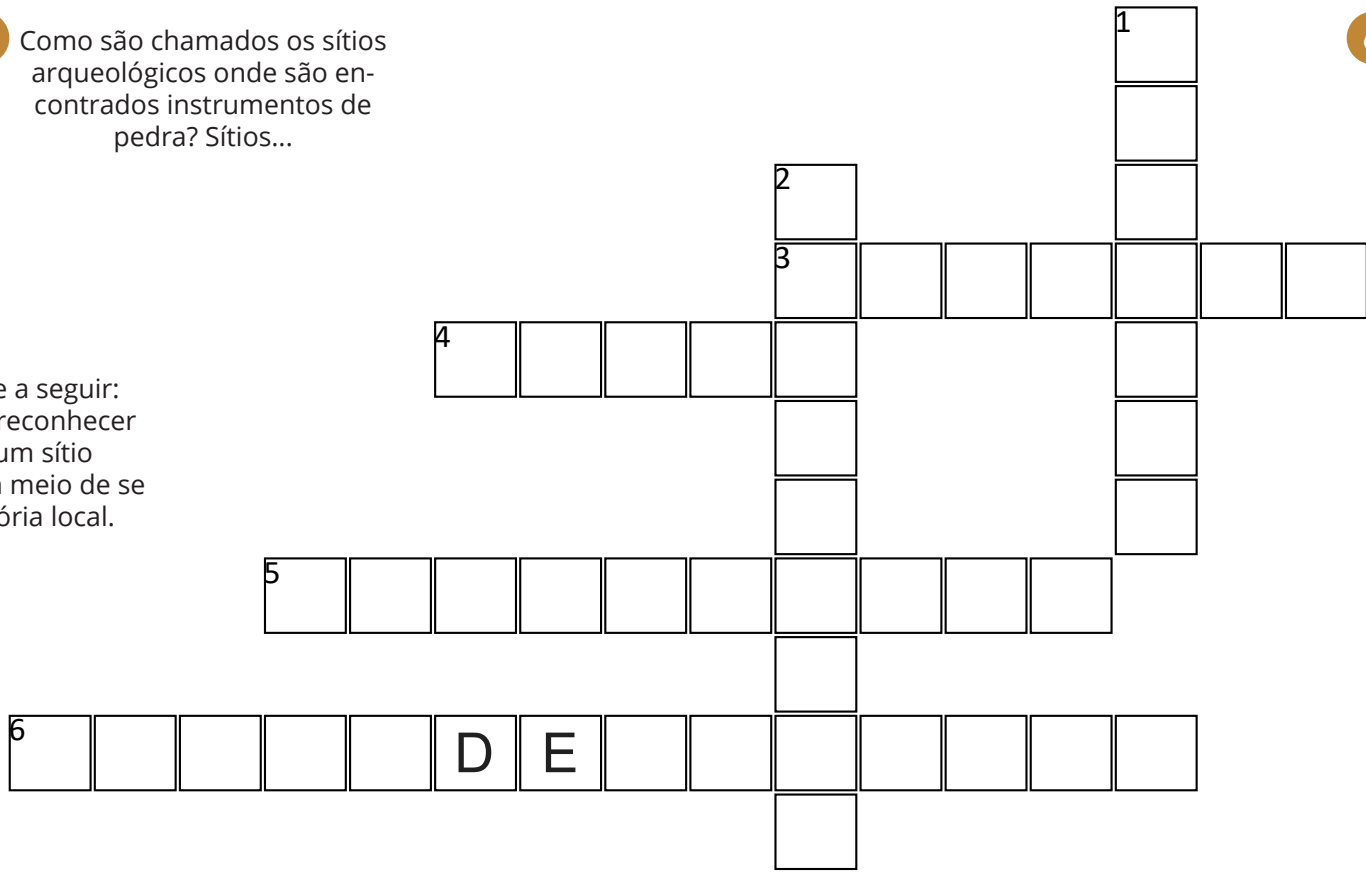
VAMOS PRATICAR?

1 Como são chamados os sítios arqueológicos onde são encontrados instrumentos de pedra? Sítios...

6 Como o ouro era encontrado na Mina Timbutuva? Em...

2 Complete a frase a seguir:
Estudar e, então, reconhecer os valores de um sítio arqueológico é um meio de se a história local.

5 Como são chamados os sítios arqueológicos não indígenas ocupados por pessoas vindas de outros continentes (Europa e África, por exemplo)? Sítios...



3 Onde o ouro mais costumava ser encontrado no início da mineração no Paraná?

4 Qual o nome do local em que a pólvora era armazenada?



Caça-palavras com as seguintes palavras

Timbutuva
Britadores
Extração
História
Mina de ouro
Mineração
Patrimônio

E L N T U D I B N B R D H Y T T R E
W A C M H Y C R J F L S M A I F N T
I H M T I Y R I I G F U T E T R B A
L E I R S N O T S F I S N E N E D T
L T N L T D A A I R E X T R A Ç Ã O
P S E U Ó I M D T M E R N R T E V U
L S R A R T N O E E B Y S V E M R I
E H A A I G T R A O T U C H F V N A
D K Ç F A A E E T I U E T R U H A U
Y H ã G D R E S O W N R H U T E E T
P E O P A T R I M Ô N I O S V R E W
D E L L E I E S E O S E H O N A H T

Material elaborado no âmbito da Educação Patrimonial do Programa de Resgate Arqueológico, Monitoramento e Educação Patrimonial do Empreendimento Imobiliário Alphaville Paraná Residencial 1 e 2, município de Campo Largo/PR (Processo IPHAN nº 01508.000962/2016-22).

Realização



Fontes das Imagens

GEMAS DO BRASIL. **Que Tipos de Solo o Ouro pode ser Encontrado.** Disponível em: <<https://gemasdobrasil.blogspot.com/2019/01/que-tipos-de-solo-o-ouro-pode-ser.html>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

LICCARDO, A. **Mineração no Paraná e Evolução Humana.** Material de suporte e aulas de geologia geral. Disponível em: <<http://www.geoturismobrasil.com/Material%20didatico/Minera%C3%A7%C3%A3o%20no%20Paran%C3%A1.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2021.

GEOSCAN, Geologia e Geofísica. **Ouro no Brasil: Entenda como está a exploração desse minério.** Disponível em: <<https://www.geoscan.com.br/blog/ouro-no-brasil/>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

E74 Espaço Arqueologia
Mina de Ouro Fazenda Timbutuva / Espaço Arqueologia – Tubarão :
Espaço Arqueologia, 2021.
21 p. il. color. ; 21 cm.

1. Patrimônio cultural. 2. Sítio arqueológico histórico. 3. Mina de Ouro Timbutuva. I. Título. II. Série.

CDD 21. ed. – 363.69

Ficha catalográfica elaborada por Elia da Silva CRB 14/1250.


espaço
arqueologia



espacoarqueologia.com.br



fb.com/espacoarqueologia



@espacoarqueologia



APÊNDICE 2 – TERMOS DE RECEBIMENTO DO MATERIAL INFORMATIVO



APÊNDICE 3 – MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: PROPOSTA DE OFICINAS TEMÁTICAS

GUIA DE APLICAÇÃO 1

TUBARÃO, 2021

**Material elaborado no âmbito da Educação Patrimonial do
Programa de Resgate Arqueológico, Monitoramento e Educação
Patrimonial do Empreendimento Imobiliário Alphaville Paraná
Residencial 1 e 2, município de Campo Largo – PR**

EQUIPE:

Valdir Luiz Schwengber

Historiador

Doutor em História

Micaella Schmitz Pinheiro

Historiadora

Pós-graduanda em Arqueologia

Doutoranda em Ciências da Linguagem

Josiel dos Santos

Antropólogo

Licenciado em História

Mestre em Antropologia

Raul Viana Novasco

Arqueólogo

Doutor em História

APRESENTAÇÃO

Durante um processo de prospecção arqueológica, é exigido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ações que possibilitem estabelecer vínculos entre a comunidade e os bens culturais da região, bem como divulgar as pesquisas arqueológicas que estão ocorrendo. Além dos levantamentos de campo, então, são desenvolvidas atividades educativas com instituições de ensino dos municípios onde as pesquisas ocorrem.

Sendo assim, dentre os materiais produzidos, foi elaborado esse guia de aplicação de oficinas temáticas voltadas para a valorização do patrimônio cultural, considerando suas variadas expressões. Logo, foram pensadas oficinas que permitam abordar de forma dinâmica, ativa e dialógica o patrimônio cultural local, dando autonomia aos professores e considerando os estudantes como agentes ativos de produção de conhecimento.

Oficinas de Educação Patrimonial sugeridas
1. Nossa Cidade, Nosso Patrimônio: elaboração de um dossiê sobre bens culturais
2. Patrimônio cultural em sabores: pesquisa sobre os pratos típicos da cidade
3. Quem conta um conto...: pesquisa sobre histórias, lendas e contos tradicionais regionais
4. O patrimônio em forma e as formas no patrimônio: estudo sobre as formas geométricas dos patrimônios arquitetônicos
5. O patrimônio cultural em números: elaboração de gráficos sobre os patrimônios materiais e imateriais
6. Fazendo-se entender e conhecer: guia turístico bilíngue
7. Notícias históricas: jornal sobre a história da cidade

Este guia é iniciado com uma breve introdução sobre arqueologia, como forma de divulgação dos procedimentos inerentes à pesquisa arqueológica – notadamente no âmbito dos processos de licenciamento ambiental. Em seguida, é apresentado um panorama sobre a Educação Patrimonial no Brasil, cujas noções orientaram a concepção das oficinas temáticas. Por fim, são indicadas sugestões de atividades interdisciplinares que poderão ser aplicadas com os estudantes.

Boa leitura e boa aplicação!

A PESQUISA ARQUEOLÓGICA

Remetida a uma origem na etimologia da língua grega, a palavra *arqueologia* traduz a expressão de antigo (*Archaicos*) e estudo (*Logos*), inicialmente sendo entendida como o “estudo do passado”. Com o desenvolvimento teórico-metodológico da disciplina, atualmente a arqueologia é concebida como uma área do conhecimento que se ocupa do estudo do comportamento humano e da vida em sociedade a partir de sua relação com a materialidade. Para os arqueólogos e arqueólogas, a cultura material é a principal fonte de informações para entender o território, as dinâmicas socioculturais, os costumes e, por vezes, também os aspectos simbólicos de uma determinada população.

Pedras lascadas, fragmentos de vasilhas cerâmicas, arquitetura ou arte rupestre, são alguns exemplos da cultura material que ajudam a estudar as sociedades humanas. Os diferentes gestos e tecnologias empregues contribuem para estudar conjuntos de cultura material em distintos espaços e tempos, o que permite abordar tradições culturais, modelos econômicos e dinâmicas adaptativas no território.

Desde seu surgimento até os dias de hoje, diferentes grupos humanos com tecnologias, economias e comportamentos simbólicos distintos, ocuparam variados espaços ao longo do planeta, deixando vestígios que hoje compõem os sítios arqueológicos. Da mesma forma, estruturas contemporâneas

também podem ser estudadas a partir da abordagem teórico-metodológica da arqueologia.

Alguns exemplos são: os sítios com tecnologias de pedra lascada, conhecidos como sítios líticos, cujos moradores possuíam uma economia baseada na caça e na coleta; outros grupos baseavam os seus modos de vida na produção de alimentos por meio do plantio e manejo de espécies vegetais, sendo que os vestígios de sua presença hoje compõem os sítios cerâmicos (que podem também conter material lítico, formando um sítio lito-cerâmico, dada a variabilidade de atividades na vida do grupo). Há também estruturas arquitetônicas em formato de concavidades circulares na terra, conhecidas como “casas subterrâneas”; nestes locais há pedras lascadas, fragmentos de vasilhas cerâmicas, restos de animais (alimentação) e vegetais (madeiras para a edificação). Há ainda locais em que camadas de terra foram acumuladas formando um montículo; estes lugares podem ser entendidos como uma forma de apropriação e organização da paisagem, servindo tanto como elementos simbólicos quanto como estratégias de estabelecimento no ambiente empreendidas por grupos humanos em determinadas regiões. Já as estruturas contemporâneas podem ser vistas na paisagem atual, sendo as casas, comércio, igrejas, modificações na paisagem para atividades como agricultura e pecuária, a construção de uma barragem para a geração de energia elétrica, dentre tantos outros exemplos.

ETAPAS DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA

Revisão Bibliográfica: É a fase prévia, onde são consultadas as referências bibliográficas de pesquisas já realizadas sobre a região e sobre a temática da investigação.



Os levantamentos bibliográficos buscam por teorias, metodologias, resultados de pesquisas, documentos históricos, etnografias, cartografias e toda a gama de informação disponível.

Trabalho de campo: Tendo as bases já levantadas com a revisão bibliográfica, a equipe de investigadores prepara os trabalhos de campo sobre uma hipótese de pesquisa que pode ser confirmada ou refutada, consoante os resultados futuros.

Uma vez em campo, observando as condições do terreno, algumas metodologias são executadas para prospectar locais com potencial à pesquisa arqueológica. Estas prospecções

devem acontecer antes do início das obras, primando pelo cuidado e a proteção ao patrimônio cultural brasileiro.



Quando os vestígios arqueológicos são identificados, são tomadas medidas para proporcionar sua salvaguarda e levantar dados para o seu estudo. Em casos específicos, é realizado o resgate arqueológico, cujo objetivo é recuperar informações sobre os chamados bens arqueológicos móveis, no qual se encaixa a cultura material.



Todo o processo de escavação é documentado e registrado, havendo medidas eficientes de preservação e conservação das informações obtidas para que, em laboratório, as análises possam gerar resultados científicos.

Laboratório: Em laboratório, todos os dados de campo são processados e os bens arqueológicos móveis passam pelos processos de curadoria, análise e acondicionamento.

Inicialmente são realizados os processos de higienização dos materiais arqueológicos com a remoção dos sedimentos ou outras sujidades.



Na etapa de laboratório é que são efetuadas as análises, que permitem, com base nas metodologias e aportes teóricos, produzir interpretações e conclusões sobre o comportamento e sua relação com a materialidade.

Divulgação: Os resultados das pesquisas são socializados em diferentes canais e para diferentes públicos. As investigações são apresentadas em congressos científicos, para serem conhecidas e debatidas entres os profissionais de arqueologia. Também são feitas publicações em revistas científicas e livros. Numa linguagem diferente da científica, os resultados são divulgados em canais de mídia, em especial a digital.



Divulgação da pesquisa.
Fonte: Espaço Arqueologia

São produzidos, também, materiais impressos, como cadernos didáticos, *folders*, entre outros, com o objetivo de informar, divulgar e proteger o patrimônio cultural brasileiro. Outras atividades, como palestras e oficinas temáticas, fazem parte de programas específicos de Educação Patrimonial.

O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BRASIL

A concepção de um programa de Educação Patrimonial deve ser embasada pelas noções de patrimônios materiais e imateriais. Dessa forma, o desafio das atividades de Educação Patrimonial está pautado em atividades educativas que sensibilizem os estudantes, fazendo com que ocorra a ampliação da preservação e a valorização dos diversos patrimônios culturais.

Dentro da perspectiva da Educação Patrimonial, será trabalhado o conceito de Patrimônio Cultural. Esse conceito pode ser entendido como todas as formas de expressões e manifestações criadas e recriadas, constantemente, por determinados grupos sociais, e transformadas de acordo com a história e as necessidades dos que as vivenciam. Enfatiza-se que Patrimônio Cultural não se restringe apenas aos bens herdados do passado, mas, também, aqueles produzidos no tempo presente. Destacamos que o Patrimônio Cultural é “vivo”, dinâmico, e como tal precisa ser assumido. De acordo com Grunberg (2007, p. 5) o Patrimônio Cultural constitui-se de:

[...] artesanatos, utilização de plantas como alimentos e remédios, formas de trabalhar, plantar, cultivar e colher, pescar, construir moradias, meios de transporte, culinária, folguedos, expressões artísticas e religiosas, jogos etc. É com todo esse Patrimônio, material, imaterial, consagrado e não consagrado que podemos trabalhar num

processo constante de conhecimento e descoberta.

Baseado em uma perspectiva cidadã e participativa, em 2014 o IPHAN, por meio da Coordenação de Educação Patrimonial – CEDUC, apresentou a seguinte definição de Educação Patrimonial:

Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. [...] os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural (FLORENCIO et al., 2014, p. 19).

Magalhães (2009) apresenta bases nas quais a Educação Patrimonial, feita a partir de perspectiva dialógica, precisa estar calcada: na necessidade de reconhecer seu contexto imediato, sua localidade, indo além do patrimônio oficial, e, assim, de uma concepção tradicional de identidade nacional; no ser libertadora, ao permitir a coexistência, conflituosa ou não, de diversidade de manifestações e edificações, superando o que tradicionalmente se convencionou denominar patrimônio; no foco da apropriação e da interpretação, geralmente conflituosa, favorecendo múltiplas

possibilidades de entendimento acerca do patrimônio; no local como espaço do plural, do móvel, onde o indivíduo estabelece relações sociais e culturais com outras localidades; e no valorizar narrativas capazes de articular tensões entre universal, singular e local.

Portanto, tendo em vista essas considerações, foram pensadas oficinas temáticas para serem organizadas e aplicadas junto aos alunos, tendo como foco o reconhecimento do patrimônio cultural local, sua valorização e proteção.

OFICINAS INTERDISCIPLINARES DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

As oficinas temáticas indicadas abaixo foram planejadas para desenvolver e aprimorar as seguintes potencialidades:

- Valorização da construção coletiva;
- Reconhecimento dos contextos históricos;
- Construção da identidade e cidadania;
- Facilitação de um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização;
- Estímulo da curiosidade do estudante;
- Provocação de interesse, que instigue a conhecer mais sobre o assunto.

Tendo isso em vista, na sequência são apresentadas 7 propostas de oficinas temáticas onde se poderão tratar diversos aspectos do patrimônio cultural. São sugestões que podem ser adaptadas de acordo com o contexto e a realidade local.

✓ **Nossa Cidade, Nosso Patrimônio: elaboração de um dossiê sobre bens culturais**

Áreas de interesse: História, Geografia e Língua Portuguesa

Dinâmica: O professor deve pedir para que os estudantes se organizem em grupos de até quatro pessoas. Em seguida, eles

devem iniciar as pesquisas sobre quais são os bens culturais do município. Essa pesquisa pode ser realizada por meio de livros, na biblioteca da escola, em saídas de estudo guiadas, no laboratório de informática, por meio da internet ou até mesmo em espaços públicos, como arquivos ou museus. Algumas questões devem ser consideradas e respondidas durante a pesquisa, como: a descrição sobre a história do patrimônio, soluções para que seja mais valorizado, revitalizado e integrado à comunidade, justificativa de sua importância para a região. Além disso, o grupo deve selecionar algumas fotos para anexar à pesquisa.

Após terminar a parte teórica, cada integrante do grupo poderá conversar com seus pais ou responsáveis sobre os patrimônios selecionados. Assim, além de tornar a atividade mais significativa, por sair do ambiente escolar, o estudante poderá observar se os bens culturais selecionados são realmente considerados significativos para a comunidade. Retornando à sala de aula, o grupo deve entregar a pesquisa para o professor e socializar com os colegas.

✓ **Patrimônio cultural em sabores: pesquisa sobre os pratos típicos da cidade**

Áreas de interesse: História, Geografia, Matemática e Ciências

Dinâmica: Os estudantes devem recolher receitas de comidas típicas junto aos familiares ou conhecidos da comunidade. Em

seguida, deverão discutir em sala de aula sobre as respostas obtidas, fazendo relações com a História (de onde veio o prato, porque ele continua sendo consumido, qual a importância para a região), com a Geografia (em quais locais podem ser encontrados esses alimentos, qual a paisagem cultural que o envolve), com a Matemática (noções de quantidade e proporcionalidade) e Ciências (mistura de elementos, valores dietéticos) etc. Após as atividades em sala de aula, os estudantes e professores deverão organizar uma feira cultural, com pratos típicos elaborados pelos familiares dos alunos, podendo ser algo aberto para os pais dos estudantes participarem, fazendo com que ocorra uma socialização dos saberes entre a comunidade e os estudantes.

✓ **Quem conta um conto...: pesquisa sobre histórias, lendas e contos tradicionais regionais**

Áreas de interesse: Educação Artística, História, Português e Educação Física

Dinâmica: Realizar uma pesquisa bibliográfica (em livros da biblioteca da escola), documental (em museus e arquivos históricos) e de história oral (entrevistas com a comunidade) sobre histórias, lendas e contos tradicionais regionais, como as danças típicas, “causos” e provérbios. Na sequência, com o resultado das pesquisas, os estudantes podem fazer uma exposição do material encontrado com a turma. Posteriormente, os estudantes podem fazer uma encenação com algumas

histórias escolhidas, podendo ser uma dança, a interpretação de uma lenda, etc.

✓ **O patrimônio em forma e as formas no patrimônio: estudo sobre as formas geométricas dos patrimônios arquitetônicos**

Áreas de interesse: Educação Artística, Matemática e Física

Dinâmica: Realizar uma saída de campo com os estudantes, em locais onde possam ser encontrados os patrimônios arquitetônicos. Pedir que fotografem as janelas, portas, ladrilhos e outros detalhes que sejam de interesse dos mesmos. Em seguida, podem tirar algumas medidas, utilizando os conhecimentos matemáticos adquiridos em aula. Após, os alunos devem anotar as medidas tomadas e as formas geométricas encontradas. Por fim, estas medidas poderão ser reproduzidas em escala e as formas discutidas em sala de aula.

✓ **O patrimônio cultural em números: elaboração de gráficos sobre os patrimônios materiais e imateriais**

Área de interesse: Matemática, História e Geografia

Dinâmica: Os estudantes serão questionados sobre o que consideram como patrimônio cultural na sua região. Após, farão divisões entre as diferentes categorias: material (edificações religiosas, civis e públicas, classes sociais a que remetem,

período etc.) e imaterial (saberes, práticas, celebrações, lugares, etc.). Com esses dados em mãos, os estudantes devem criar gráficos comparativos. Em seguida, pode-se discutir o que os resultados apresentados nos gráficos indicam sobre a formação histórica e sociocultural da região.

✓ **Entendendo e conhecendo: guia turístico bilíngue**

Área de interesse: Língua Portuguesa e Língua Inglesa e/ou Espanhola

Dinâmica: Os estudantes devem ser separados em grupos de até quatro pessoas. Primeiramente, em conjunto com seus grupos, os estudantes devem montar um roteiro turístico com foco nos patrimônios materiais e imateriais da região. Após encolherem os pontos que serão abordados, eles deverão criar um guia turístico na língua escolhida.

✓ **Notícias históricas: jornal sobre a história da cidade**

Áreas de interesse: História, Língua Portuguesa e Educação Artística

Dinâmica: Em grupos, os estudantes devem se dividir para criar um “jornal histórico” contando algumas histórias da região. Essas histórias podem ser averiguadas de acordo com fontes documentais, com pesquisas em arquivos e museus históricos, com busca bibliográfica, em livros ou internet, ou por meio da

história oral, onde os estudantes realizam entrevistas com os moradores da comunidade em que vivem. A publicação pode ser feita de forma impressa ou manuscrita e desenhada, utilizando-se folhas A4. Ou, se houver disponibilidade e recursos materiais, os estudantes podem gravar as entrevistas e as saídas de campo, criando um telejornal.

Para saber mais:

FLORÊNCIO, Sônia Rampim; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana; RAMASSOTE, Rodrigo. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988.

GRUNBERG, Eveline. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores**. Cuiabá-MT: Archaeo; Carlini & Caniato Editorial, 2019.

PROUS, André. **O Brasil antes dos Brasileiros**. São Paulo: Zahar, 2007.

SPHAN/PRÓ-MEMÓRIA. **Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória**. Brasília: SPHAN/Pró-Memória, 1980.

ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OFICINA DE CERÂMICA TRADICIONAL

GUIA DE APLICAÇÃO 2

TUBARÃO, 2021

**Material elaborado no âmbito da Educação Patrimonial do
Programa de Resgate Arqueológico, Monitoramento e Educação
Patrimonial do Empreendimento Imobiliário Alphaville Paraná
Residencial 1 e 2, município de Campo Largo – PR**

EQUIPE:

Valdir Luiz Schwengber

Historiador

Doutor em História

Jedson Francisco Cerezer

Arqueólogo

Doutor em Quaternário, Materiais e Culturas

Miriam Raquel Oliveira

Comunicadora Social

Graduada em Comunicação Social

Pós-graduanda em Arqueologia

Micaella Schmitz Pinheiro

Historiadora

Pós-graduanda em Arqueologia

Doutoranda em Ciências da Linguagem

Josiel dos Santos

Antropólogo

Licenciado em História

Mestre em Antropologia

Raul Viana Novasco

Arqueólogo

Doutor em História

APRESENTAÇÃO

Durante um processo de prospecção arqueológica, é exigido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ações que possibilitem estabelecer vínculos entre a comunidade e os bens culturais da região, bem como divulgar as pesquisas arqueológicas que estão ocorrendo. Além dos levantamentos de campo, então, são desenvolvidas atividades educativas com instituições de ensino dos municípios onde as pesquisas ocorrem.

Sendo assim, dentre os materiais produzidos, foi elaborado este guia de aplicação da oficina de cerâmica tradicional, onde são apresentadas as noções básicas para o entendimento de como se proceder à confecção de um vasilhame cerâmico. São apresentadas, também, indicações de temas que podem ser abordados nas diferentes disciplinas da grade curricular do ensino básico, possibilitando, assim o desenvolvimento das atividades de forma interdisciplinar e transversal.

Este guia é acompanhado por material audiovisual onde são demonstradas, de maneira ilustrativa e explicativa, as etapas de confecção de vasilhames cerâmicos.

Boa leitura e boa aplicação!

CERÂMICA: GESTOS E TÉCNICAS PARA A TRANSFORMAÇÃO DA MATÉRIA

Na pré-história, a primeira matéria modificada de forma irreversível resultou na cerâmica. Esse é um processo onde os seres humanos modificaram a argila, tornando-a um material resistente ao fogo e com capacidade para preparar e servir alimentos. Podemos dizer que é parte de uma grande revolução na tecnologia e economia da humanidade.

As fases de um processo tecnológico para se obter uma vasilha cerâmica são: pasta, morfologia, tratamento de superfície, decoração e queima. Há também o gesto, esse é um elemento da cognição humana indispensável para obter os resultados desejados.

Para essa oficina, vamos abordar quatro das cinco fases, deixando a queima para outro momento.

Pasta

Uma pasta cerâmica é composta por: argila, água e tempero. As argilas são partículas muito finas (até 2 microns, equivalente à milésima parte do milímetro) de rochas e minerais, geralmente acumuladas em depósitos de ação hídrica.

O tempero é tudo que for adicionado à pasta. Geralmente usa-se quartzo, encontrado de forma natural em depósitos de areia.



A água, na pasta cerâmica, pode ser adicionada mecanicamente, pela pessoa que está a prepará-la, ou já se encontrar agregada no próprio depósito – como exemplo das argilas encontradas em áreas de banhado.

Uma vez tendo todos os ingredientes agregados à pasta, é hora de dar início ao processo de homogeneização. Esse processo tem por finalidade remover bolhas de ar que possam se formar no interior da pasta – as bolhas de ar causam danos nas

paredes das peças. É também um procedimento que torna a pasta homogênea, favorecendo a melhor distribuição do tempero em toda a pasta.

Morfologia

Uma volumetria deve ser escolhida para compor a forma da vasilha a ser feita. A morfologia é entendida como a combinação da forma e do volume, que, por sua vez, tem relação direta com as necessidades do indivíduo ou do grupo social ao qual ele faz parte. Em nosso caso, a morfologia cumprirá a função de experimentar o processo da cerâmica arqueológica.



Dentre as fases de um processo produtivo, que envolve a tecnologia cerâmica, a manufatura é o que mais exige habilidade manual, entendida como gestualidade. O gesto empregue na execução da manufatura da peça favorece com que o resultado pretendido seja alcançado, obtendo assim uma morfologia adequada.



Recomenda-se que, antes de iniciar o processo de manufatura da morfologia desejada, esta seja desenhada com uma escala de proporção. O objetivo é impor limites aos gestos e técnicas, buscando perseguir o padrão desejado. Esse é um ponto muito importante, pois, na arqueologia, há sempre uma repetição de formas em grupos tecnologicamente relacionados. Essa repetição é entendida como “Tradição”.

Tratamento de superfície

Vasilhas cerâmicas são, pela sua natureza, um objeto de uso doméstico, geralmente associadas ao preparo e/ou armazenamento de alimentos. Sua função principal, portanto, é a de possibilitar o uso sobre o fogo. Assim sendo, as vasilhas, cuja função é a de preparar alimentos, devem, por necessidade técnica, ter a superfície interna alisada, enquanto a externa pode

sofrer variações, consoante a criatividade ou identidade de quem as produziu.

Para obter paredes lisas é importante fazer uso de ferramentas, como espátulas e agulhas. Estes utensílios ajudam na regularização das paredes. Nas fases intermediárias de alisamento, o acabamento pode ser realizado com os próprios dedos. Já nas fases finais, é mais adequado o emprego de ferramentas apropriadas para uniformização das superfícies.

De modo geral, em nosso trabalho, o objetivo é uma parede uniforme na face interna, lisa e sem irregularidades. Já para a face externa, há maior liberdade quanto a textura, podendo também ser alisada ou com algum tipo de decoração plástica, como veremos a seguir.

Decoração

Peças cerâmicas com decoração indicam a intenção de imprimir sobre a superfície – geralmente externa – um elemento simbólico. A decoração assume o significado de simbólico pelo fato de ser uma ação cuja existência não interfere no processo produtivo, sendo possível, mesmo sem a decoração, a peça ser utilizada.

Uma vez decidido realizar um elemento decorativo, há que escolher em que fase este será executado. As decorações plásticas são produzidas enquanto a superfície da peça está

hidratada. Porém, é necessário ter atenção ao estágio de hidratação, pois quanto mais hidratada, maiores são as irregularidades no gesto, e, quanto mais seca, maior são as limitações para imprimir os signos ou traços desejados. Já as decorações cromáticas são realizadas depois que a peça passou pela queima, portanto, com a superfície seca e firme.



Em nossa atividade, vamos usar palitos para imprimir, na face externa, elementos decorativos com linhas retas ou curvas. O objetivo é que os elementos decorativos ocupem toda a circunferência de nosso “vaso”. A composição é livre, podendo ser explorada ao máximo a criatividade, simetria e harmonia.

Queima

Tornar a argila em cerâmica só ocorre quando temperaturas superiores aos 550 °C são impostas à matéria. Esta fase exige, necessariamente, o emprego de estruturas de combustão apropriadas. Por esta razão, em nossa atividade apenas faremos menção ao processo, sem com ele darmos continuidade na prática.

As cerâmicas, uma vez secas – quando toda a água mecanicamente adicionada já evaporou em um processo natural de secagem à sombra – podem ir para a fase de queima. Essa é uma ação lenta e gradual, onde as peças são submetidas a temperaturas cada vez mais elevadas, podendo, em média, ficar na casa de 800 a 1000 °C. Posterior à elevação das temperaturas, é importante controlar o processo de arrefecimento, para que também seja lento e gradual. O controle das temperaturas, tanto na fase de aquecimento como de arrefecimento, assegura que não haverá acidentes. Estes, na maior parte das vezes, danificam a peça, impossibilitando a sua utilização, ou mesmo a desfazendo por completo.

Conforme dito, por ser um processo complexo e exigir estruturas apropriadas, a fase da queima não será alvo de nossa atividade. O que teremos, em nossa oficina, é uma rica experiência em dominar gestos e técnicas para manufaturar uma morfologia de vaso em argila não queimada.

OFICINA DE CERÂMICA TRADICIONAL, INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSVERSALIDADE

A produção de um vasilhame cerâmico, seguindo a trajetória desde sua concepção até o seu descarte, possibilita elencar conteúdos programáticos de variadas disciplinas, resultando em uma noção do todo e de suas partes. Para a confecção de um vasilhame cerâmico (exemplo que pode ser estendido aos demais setores da vida), é necessária a mobilização de uma série de complexos fatores da vida das sociedades ceramistas, dentre os quais, mecanismos de transmissão de saberes e um refinado conhecimento do ambiente em que viviam.

Sendo assim, neste item apresentamos alguns tópicos que podem ser abordados durante uma aplicação da Oficina de Cerâmica Tradicional, tornando a atividade um potencial espaço para o desenvolvimento da interdisciplinaridade e da transversalidade.

1ª fase | Aquisição de matéria-prima

Perguntas: Onde encontro a argila necessária? Na quantidade que preciso, posso ir buscar sozinho ou preciso de um grupo? Quem busca? Como carregar?

Saberes: Conhecimento do território (Geografia). Distância x esforço (Geografia, Matemática, Educação Física). Organização e comunicação em grupos (Língua Portuguesa). Entender como era a organização social dos grupos ceramistas – no caso Guarani, por exemplo, quem buscava a argila eram os homens e as mulheres faziam a cerâmica (História).

2ª fase | Manufatura

Perguntas: O que pretendo fazer? Qual tamanho? Para que uso se destina? Sei fazer este objeto ou precisarei perguntar a alguém?

Saberes: Transmissão oral de saberes (Língua Portuguesa, História, Educação Artística). Noções de formas e proporcionalidades (Matemática). Quantidade de argila necessária (Matemática, Ciências). Tipo de argila necessária, podendo necessitar de adições de antiplástico ou água (Ciências, Geografia).

3ª fase | Tratamento de superfície ou decoração

Perguntas: Para que vou usar? Qual tipo de decoração quero fazer?

Saberes: Uso dos objetos nas sociedades ameríndias (História, Arte Indígena). Instrumentos e pigmentos tradicionais (Educação Artística, Ciências). Formas (Geometria).

4ª fase | Secagem e queima

Perguntas: Posso levar o objeto diretamente ao fogo? Quanto tempo necessito para a secagem? Posso expor ao vento? Qual a quantidade de calor é necessária na queima? A queima é feita em forno ou em fogueiras?

Saberes: Formas e tempo de secagem e de queima (História, Ciências). Noções de meteorologia (Ciências, Geografia).

5ª fase | Uso

Perguntas: Este objeto será de uso cotidiano ou especial? Quem usará? Pelo seu uso, o desgaste será mais rápido ou não?

Saberes: Uso dos objetos nas sociedades ameríndias (História, Arte Indígena). Organização social (História, Língua Portuguesa, Matemática).

Para saber mais:

CEREZER, Jedson Francisco. **Cerâmica Guarani**: Manual de Experimentação Arqueológica. Erechim: Habilis, 2011.

CEREZER, Jedson Francisco. **Tecnologia e simbolismo na expansão Guarani no Sul do Brasil**. 261 f. 2017. Tese (Doutorado em Quaternário, Materiais e Culturas) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal, 2017.

CORRÊA. Ângelo Alves. **Pindorama de Mboîa e Îakaré**: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi. 466 f. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**: a pré-história e os verdadeiros colonizadores. Cuiabá-MT: Archaeo; Carlini & Caniato Editorial, 2019.

UNESPCIÊNCIA. **Cerâmica indígena do Brasil**. Disponível em: <<http://unespciencia.com.br/2018/02/01/ceramica-93/>>. Acesso em: 01 out. 2020.

Cerâmica Cardial. Vídeo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=494Ddh8E988>.

Cerâmica Guarani Corrugada. Vídeo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ZBdFvypzBdE>.

Ritual da Imagem: Arte Asurini do Xingu – cerâmica. Vídeo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=RqPlomJF-4&t=70s>.



APÊNDICE 4 – SLIDES UTILIZADOS NA APRESENTAÇÃO DO WEBINAR

Começa em instantes...



Arquitetura e História na antiga Mina de Ouro Timbutuva, Grande Curitiba/PR.

Programa de Resgate
Arqueológico,
Monitoramento e Educação
Patrimonial do
Empreendimento
Imobiliário Alphaville
Paraná Residencial 1 e 2,
Município de Campo
Largo/PR.



O que veremos neste encontro?

- Introdução sobre a Arqueologia Regional;
- Histórico da Mineração no Paraná;
- A Mina de Ouro Timbutuva e os Estudos Realizados.



Sítio Arqueológico e Patrimônio Cultural

O que é um sítio arqueológico?

"Sítio Arqueológico é o local onde se encontram vestígios resultantes de atividades humanas, do período pré-colonial ou histórico, localizados em superfície, subsuperfície ou submersos, passível de contextualização arqueológica." (Portaria nº 316, de 4 de novembro de 2019).

Bem protegido:

- Constituição Federal de 1988;
- Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961;
- Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro 1937.

Sítio Histórico/Patrimônio Cultural

O conjunto de edificações remanescentes da mina de ouro Timbutuva remonta as décadas de 1930 e 1940 e se localiza no município de Campo Largo, PR.

O estudo deste sítio é um meio de se reconhecer e valorizar o ambiente e a história local.



Arqueologia Regional – Planalto de Curitiba

Caçadores Coletores
11mil AP a 2mil AP



Tradição Umbu



Tradição Humaitá

Pinturas Rupestres
Tradição Planalto e Geométrica



Itararé Taquara
4mil/2mil AP ao contato



Tupiguarani (TPA)
2mil AP (?) ao contato



Mineração no Paraná (Séculos XVI e XVII)

Desde a época das **entradas e bandeiras**, no decorrer dos séculos XVI e XVII, a ocupação das terras do Paraná se deram em decorrência da notícia da descoberta de **ouro em Paranaguá**, que propiciou a criação de inúmeras vilas existentes até hoje e cujos nomes remontam às origens garimpeiras.

Nessa época, a mineração caracterizou-se como um **ciclo econômico** baseado no **ouro de aluvião**, de grande interesse para os **cofres da Coroa portuguesa**.



FIGURA 1 - OURO EM PO E PEPIÇA.
FONTE: LICCARDI, Antônio. **Paraná de Mineração e Geoturismo no Brasil**. Departamento de Geociências - Universidade Estadual de Ponta Grossa, (2008).



Mineração no Paraná (Séculos XVIII e XIX)

No século XVIII, frente à escassez de ouro na região de Curitiba e a descoberta de novas minas na Capitania de São Paulo, o **comércio de gado** passou a ser o principal negócio da região, e sua expansão determinou a ocupação do entorno da vila de Curitiba, abrindo caminho para o **ciclo dos tropeiros** décadas depois.

A **bateia** foi a única técnica de apuração final do ouro durante o século XVIII e parte do XIX, até a adoção de amalgamação com mercúrio (LICCARDI, [2008]).

No início do século XIX, com o advento da **atividade tropeira**, Curitiba e outros povoados, inclusive Campo Largo, cresceram e se destacaram na região.

Em 1853, a Província do Paraná tornou-se independente de São Paulo, decorrente do **tropeirismo**, do cultivo da **erva-mate** e da extração e corte de **madeira**. Mais tarde, o **café** também impulsionou principalmente a região norte da Província, firmando-a como grande exportadora nacional e provocando um aumento populacional considerável.



Mineração no Paraná (Séculos XX e XXI)

Contudo, é interessante dizer que "a mineração no planalto curitibano e no litoral paranaense **não foi responsável** pelo desenvolvimento de uma grande rede de centros urbanos, como ocorreu em outras regiões mineradoras do Brasil" (PICANÇO, MESQUITA, 2012, p. 118).

Nos séculos XX e XXI, em geral, a mineração do Paraná, além do ouro, estendeu-se para **outros setores**: petróleo, diamante, água, rochas ornamentais, mármore e granitos, areia, argila, cal, pedra brita entre outros.

Existem, hoje, em torno de 721 jazidas minerais na Região Metropolitana de Curitiba. Mais da metade destas está concentrada em 20% dos municípios, principalmente em Colombo, Campo Largo, Rio Branco do Sul, Almirante Tamandaré, Cerro Azul e ao Sul de Curitiba (TRIBUNA, 2004).

Dos 399 municípios paranaenses, 187 são produtores de minério, em sua maioria de não-metálicos (TRIBUNA, 2004).



Campo Largo no contexto da mineração do Paraná (Séculos XVI a XIX)

O **ciclo do ouro** no Paraná, iniciado em meados do século XVI, foi muito importante para a formação de Campo Largo.

A partir de 1693, quando foi fundada a cidade de Curitiba, Campo Largo tornou-se um **local de passagem** de garimpeiros e tropeiros, que levavam gado do Rio Grande à São Paulo.

A **gênese** de Campo Largo remonta ao ano de 1706, quando houve a doação de uma sesmaria ao **coronel Antônio Luiz Tigre**. Também reporta-se a 1819, quando o **capitão João Antônio da Costa**, doou à Nossa Senhora da Piedade parte de sua propriedade, em Campo Largo, permitindo que nela se instalassem pessoas para lavar e cuidar da terra doada, sem dispendêr ônus algum.

Inicialmente recebeu o nome de **"Ilha"**, depois de **"Campo Largo"**, em referência à sua geografia, inserida nos **Campos de Curitiba**.



FIGURA 1: CAMPO LARGO. PONTE VAJE PARANÁ. [2020]. Disponível em: vazepparana.com/CampoLargo



Campo Largo no contexto da mineração do Paraná (Séculos XIX a XXI)

Depois da condição de Freguesia e Vila, tornou-se município em 23 de fevereiro de 1871.

Ao longo dos séculos XIX e XX, a colonização da região foi fortemente influenciada pelos poloneses, italianos, alemães e portugueses.

O Município encontra-se hoje no seu **3º ciclo de produção aurífera**. Produz também outras substâncias minerais: água, areia, argila, basalto, calcário, dolomito, caulim, feldspato, filito, gnaiss, granito, migmatito, prata, quartzito e saibro.



FIGURA 2: CAMPO LARGO. PONTE VAJE PARANÁ. [2020]. Disponível em: vazepparana.com/CampoLargo



Mineração de ouro em Campo Largo (Século XX)

A implantação das Minas de ouro em Timbutuva e Ferraria, localizadas na região de Campo Largo, caracterizou a **mineração em larga escala** (de dimensão industrial), ao longo das décadas de 1930 e 1940.

Além da tecnologia importada da Alemanha, o emprego de **mão-de-obra braçal** foi intenso nos serviços de mineração (Figura 3).

A Mina Timbutuva (Sítio Histórico) teve no seu auge, por volta de 1936, a instalação de um **enorme complexo industrial**, com vila operária, armazém entre outras estruturas, além de cerca de 300 trabalhadores, quando em 1942 encerrou suas atividades (Figura 4).



FIGURAS: MINEROS ENTRE 1935 E 1936 EM TIMBUTUVA E FERRARIA. LICCARDI, Antônio. **Paradigma de Mineração e Capitalismo no Brasil** (Departamento de Sociologia e Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002). MINEROPAR. **Mineração do Paraná: Socialismo em Curitiba**. Curitiba, 2008.



Mina Timbutuva em 1936



FIGURA 4: MINA TIMBUTUVA EM 1936.
FONTE: LICCARDO, Antônio. *Patrimônio de Mineração e Geoturismo no Brasil*. Departamento de Geociências - Universidade Estadual de Ponta Grossa, (2008).



Mina Timbutuva

A partir de 1934, a empresa Monteiro & Aranha passou a explorar a Mina Timbutuva, com o uso de maquinário importado da Alemanha, iniciando a mineração em larga escala do **ouro obtido em veios de quartzo com pirita**.

O ouro era extraído das rochas, por meio de recursos mecanizados, que incluía entre outros a **"britadeira"**. Assim, adquiria-se em torno de 4 a 5 gramas de ouro por tonelada de rocha triturada.



Ouro em veios de quartzo com pirita em Campo Largo

FIGURA 5: OURO EM VEIOS DE QUARTZO COM PIRITA EM CAMPO LARGO.
FONTE: LICCARDO, Antônio. *Patrimônio de Mineração e Geoturismo no Brasil*. Departamento de Geociências - Universidade Estadual de Ponta Grossa, (2008).



Mina e Fazenda Timbutuva

Muitos descendentes de **italianos e poloneses** vieram a região de Campo Largo para trabalhar nos serviços braçais da mineração.

A implantação da Mina deu-se em **1934**, na época do governo Vargas, encerrando sua atividade em **1942**, em meio a Segunda Guerra Mundial.

Segundo relato de populares, nessa Mina eram extraídos cerca de **80 kg de ouro por mês**, caracterizando um processo industrial de mineração.

Portanto, a Mina muito contribuiu para a formação de Campo Largo.

Hoje, a antiga mina está inserida na área da fazenda Timbutuva, onde se desenvolve o plantio comercial de eucalipto, sendo cortada por linhas de alta tensão e pelo Gasoduto Bolívia-Brasil SA. A área da fazenda está destinada também para a implantação do **Empreendimento Imobiliário Alphaville Paraná Residencial 1 e 2**.



FIGURA 6: Britadores da Mina.
FONTE: Espaço Arqueológico, 2020.



FIGURA 7: Prédio do Laboratório da Mina.
FONTE: Espaço Arqueológico, 2020.



Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Levantamento Arquitetônico

- Barracão
- Área dos Britadores
- Laboratório
- Depósito de Pólvora
- Galerias
- Outros



Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Levantamento Arquitetônico

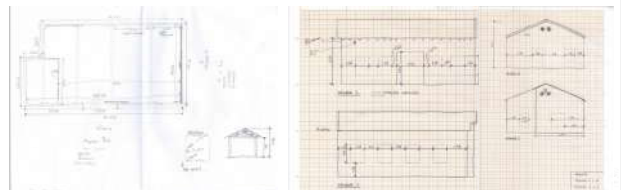
- Desenhos / Medições / Fotos



Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Levantamento Arquitetônico

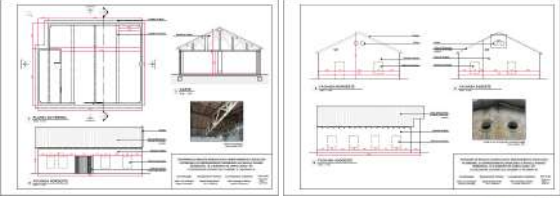
- Desenhos / Medições / Fotos



Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Levantamento Arquitetônico

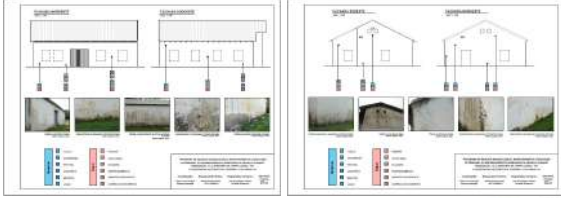
• Desenhos / Medições / Fotos



Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Levantamento Arquitetônico

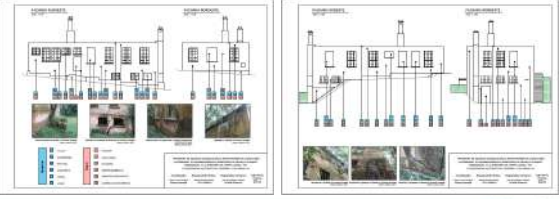
• Desenhos / Medições / Fotos



Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Levantamento Arquitetônico

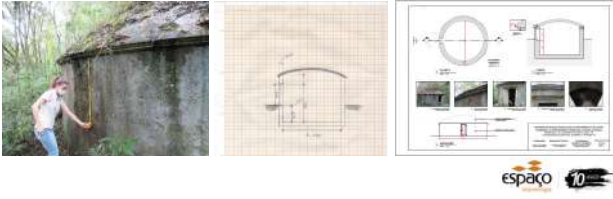
• Desenhos / Medições / Fotos

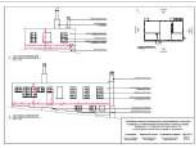
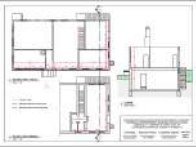
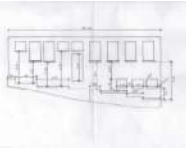
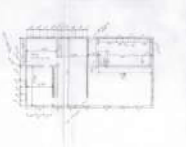


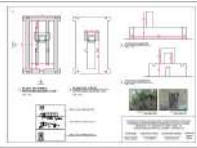
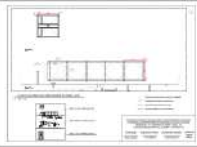
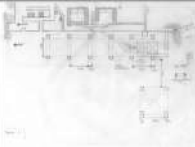
Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Levantamento Arquitetônico

• Desenhos / Medições / Fotos







Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Análise Iconográfica



Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Análise Iconográfica



Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Análise Iconográfica

Barracão



Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Análise Iconográfica

Barracão



Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Análise Iconográfica

Barracão



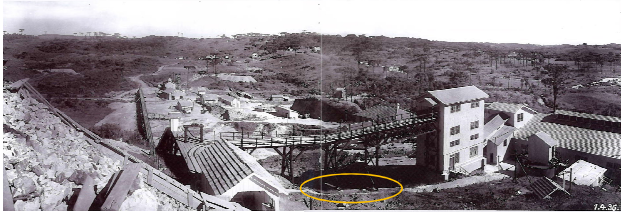
Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Análise Iconográfica



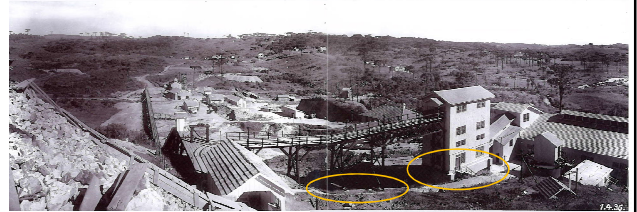
Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Análise Iconográfica



Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Análise Iconográfica



Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Análise Iconográfica

Fundações da estrutura de esteiras



Fazenda Timbutuva

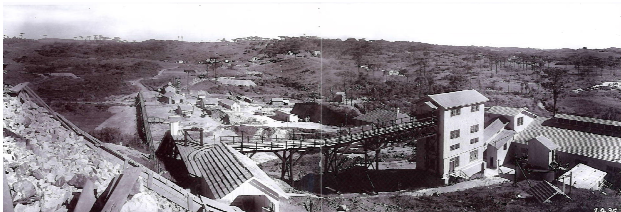
Estudos Realizados → Análise Iconográfica

Fundações da estrutura de esteiras



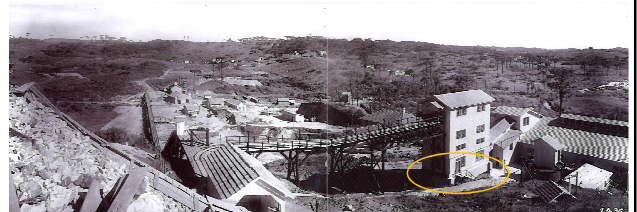
Fazenda Timbutuva

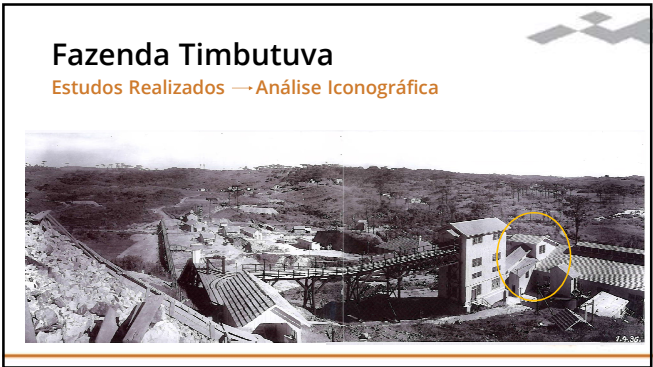
Estudos Realizados → Análise Iconográfica



Fazenda Timbutuva

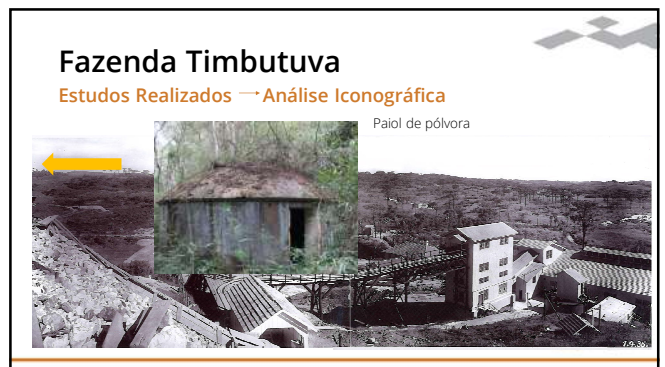
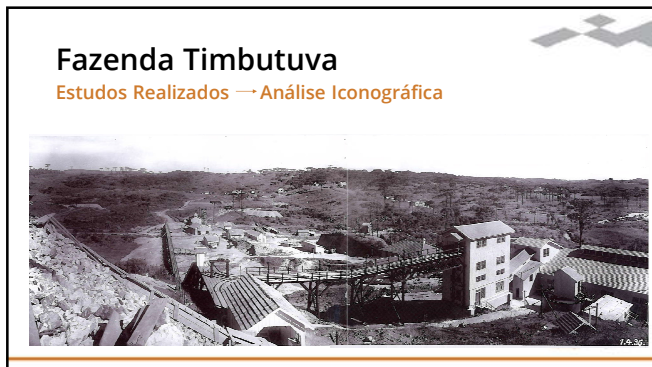
Estudos Realizados → Análise Iconográfica

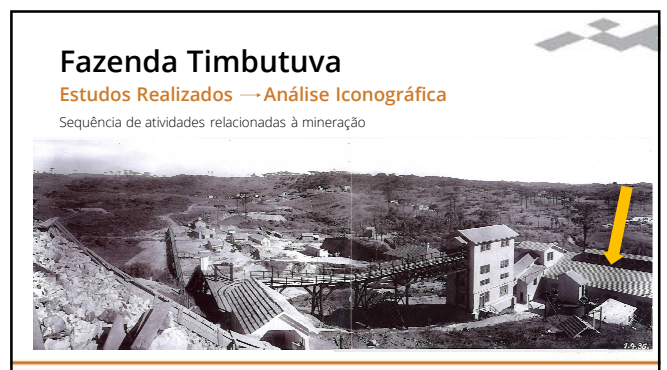
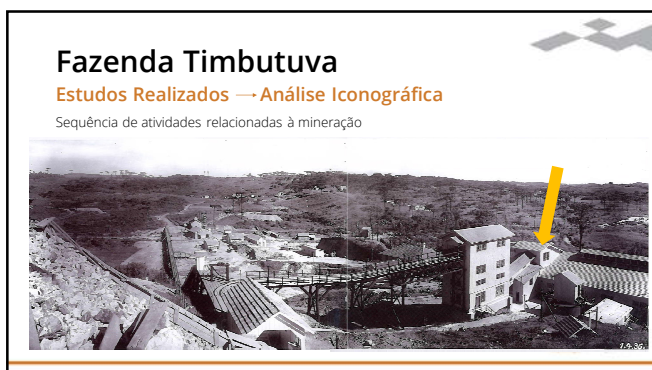
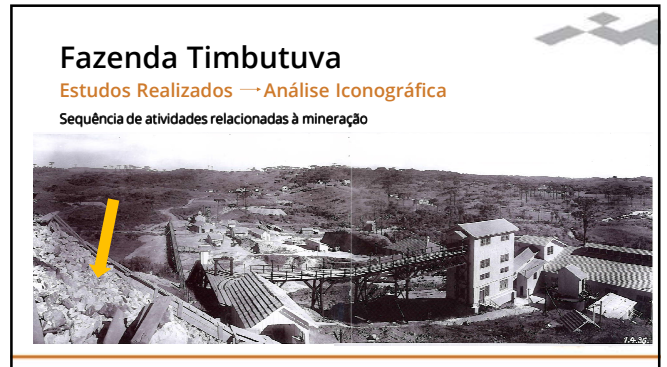
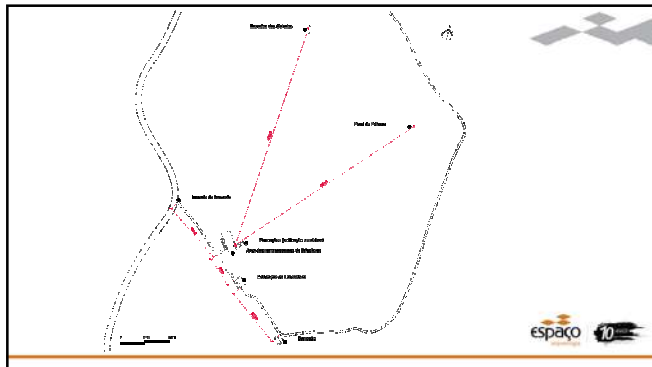








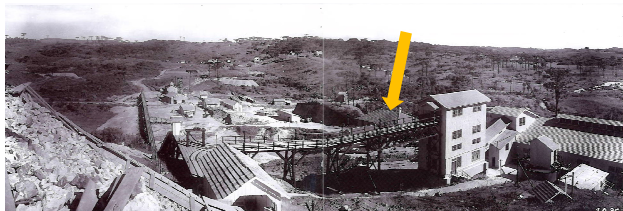




Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Análise Iconográfica

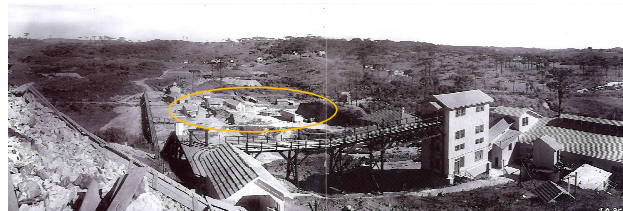
Sequência de atividades relacionadas à mineração



Fazenda Timbutuva

Estudos Realizados → Análise Iconográfica

Estruturas de apoio às atividades da mina + residências de trabalhadores (fontes orais)



Fazenda Timbutuva

Materiais encontrados



Tijolo dois furos
Produzido em maquinaria com a técnica de presa e queimado em baixa temperatura



Dois fragmentos de "Telha Francesa"
Terracota sob molde prensado
Fabricante (Taborda) e período de produção (1910 a 1933)

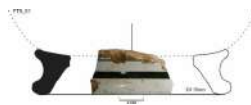


Fragmento de argamassa com camada de tijolo pegada a parede
Argamassa com grãos arredondados de areia



Fazenda Timbutuva

Materiais encontrados



Base circular com 15 cm de diâmetro.
Fajã fina, decorada com bandas impressas em cor verde.
Morfologia superior ao pé é indeterminada, podendo ter diferentes interpretações.



Fragmento de borda com 8 cm de diâmetro
Porcelana decorada com motivo floral impresso
A interpretação leva a uma Chávena para café/chá



Fazenda Timbutuva

Considerações finais

- Sítio arqueológico histórico com estruturas que ainda podem ser compreendidas no contexto do sítio
- Importância econômica e histórica no Estado do Paraná
- Potencial educativo e/ou turístico cultural (história, geologia...)



Muito Obrigada!





APÊNDICE 5 – MODELO DE CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NO WEBINAR



CERTIFICADO

Certificamos que XXXXXXXXXXXX, CPF XXX.XXX.XXX-XX, concluiu com êxito o **Webinar - Arquitetura e História na antiga Mina de Ouro Timbutuva**, com carga horária de 1 hora/aula, realizado na modalidade virtual pela **Espaço Educação e Cultura** no dia 02 de junho de 2021. A ação compreende o Programa de Resgate Arqueológico, Monitoramento e Educação Patrimonial do Empreendimento Imobiliário Alphaville Paraná Residencial 1 e 2, município de Campo Largo, PR.

Prof. Dr. Valdir Luiz Schwengber
Coordenador Geral do Projeto

Prof. Me. Alexandre de Medeiros Motta
Coord. Pedagógico do Projeto de Educação Patrimonial

WEBINAR - ARQUITETURA E HISTÓRIA NA ANTIGA MINA
DE OURO TIMBUTUVA

1 hora-aula

EMENTA

Arqueologia e Patrimônio Cultural. Arquitetura e História.
Mineração no Paraná. Mina de Ouro Timbutuva.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Tema 1 - Introdução à arqueologia regional;

Tema 2 - Histórico da mineração no Paraná e a Mina de
Ouro Timbutuva;

Tema 3 - Metodologia de levantamento arquitetônico em
campo;

Tema 4 - Estruturas do sítio arqueológico histórico Mina
de Ouro Timbutuva.

COORDENAÇÃO

Prof. Dr. Valdir Luiz Schwengber (Coordenador Geral do
Projeto de Educação Patrimonial)

Prof. Me. Alexandre de Medeiros Motta (Coordenador
Pedagógico do Projeto de Educação Patrimonial)

CORPO DOCENTE

Prof^a. Arq. Isabela Benedet Bardini

Prof. Me. Alexandre de Medeiros Motta

Prof. Dr. Jedson Francisco Cerezer

Espaço Educação e Cultura Ltda. - ME

Rua Germano Siebert, 645 - Centro, Tubarão - SC.

CNPJ: 19.805.116/0001-26

Livro nº 02 Página 05 Número de Registro: 144

Tubarão, 14 de junho de 2021.

Prof. Dr. Valdir Luiz Schwengber

Coordenador Geral do Projeto de Educação Patrimonial



APÊNDICE 6 – DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO DA EQUIPE TÉCNICA



ANEXO



ANEXO 1 – CURRÍCULO LATTES DOS PESQUISADORES ENVOLVIDOS